

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE NOVEMBRO DE 1903

N.º 116



A estatua de Eça de Queiroz inaugurada, no Largo do Quintella, em 9-11-1903



**D**em uma singular contradição com as orações da Igreja, quando nos Templos se resa a Todos-os-Santos é que no nosso mundo politico e social principia a invocação e a influencia de Todos-os-Diabos! Novembro traz os primeiros frios e acienta as primeiras intrigas. Quando a mortada, aspera e cortante, solta o seu sivo d'alarme é como quando d'unos faldões o moloz apita, rispidamente chamando ao trabalho. A faina começa. Cada qual toma conta do seu lugar na officina; por todos os lados a vida começa a palpar; cada um desolve as suas aptidões na tarefa que lhe cabe em partilha. Ha quem só entre n'esse impulo d'exforços como qualidades negativas? Quem anteponha a ociosidade, a inaptidão, a má vontade, ao concelho harmonico e fecundo? Que importa. Assim como na vida vegetativa da natureza nada se perde, na vida social d'un povo nada se espediça. A ociosidade dos infecundos contribue, tambem, para a riqueza dos que trabalham.

Como o leitor amigo terá comprehendido já, a divergencia é um pouco de um intuito á reversão ao primitivo assumpto, — uma especie de lymno solemne, na manhã do mez endemoninhado, a este estragante mez de Novembro, que traz de novo á cidade os elementos varios que os mam e avistam, que a arrastam ao adormecimento e á morbidez estival dos mezes que antecederam. Como succede com os possessos quando os espiritos malignos, em grandes cardumes, se lhe alojam nas entranhas — d'onde só a agua benta dos exorcistas os repulsa triumphantemente — Lisboa, a partir d'esse dia de Todos-os-Santos, principia a contorce-se, excitada pelas progressivas picadas intestaes dos diabretes que a invadem. A partir d'essa data memoravel, á vista, mesmo aos mais desatentos ás manhas de Satanaz, que grandes exercitos luciferianos marcham triumphantes á conquista da cidade. Quando chega o S. Martinho, — o devoto bispo que o incoherente Novembro enfeita com uma mitra de pampanos, como um Deus pagão, — Lisboa está inteiramente avassalada. Os diabos, postos á solta por outro Santo extravagante, — o benaventurado Euzébio — pullam por essa rua nas duas fórmias mais perigosas: as mulheres e os politicos. Ellos voltam mais excitantes; elles voltam mais excitados. Basta pôr os pés na rua, para as ver ellas em bandadas alegres, dardelando chammas infernaes sobre os pobres diabos, que as miram rendidos e babosos. Basta espreitar ali em baixo, á entrada da arcada do ministerio do reino, para os descobrir a elles, concentrados em magotes, discutindo com calor e ameaçando com furia. Dir-se-ia que elles trazem, mais do que nunca, o diabo no corpo e que elles vem, mais do que nunca, leuados do diabo.

Ah! é preciso vêr Lisboa, n'este mez de Novembro, para comprehender a grande phrase, a immorredoura phrase, com que o meu reverendo amigo, Luiz José Dias, ao ser pela primeira vez deputado e ao calçar pela primeira vez umas botas de polimento, desabafou as suas dóras e exprimiu as suas impressões, uma noite, ali no Kocio, á porta dos Irados Unidos.

— Isto é uma Babylonia — mas o diabo são os callos! ..

Como se não bastassem, porém, as pretubarancias nos joanetes — e as outras complicações que ficam relatadas e mais especialmente se ligam a este mez característico, — outras circumstancias contribuem, no actual momento, para tornar n'uma infernaia babylonesca a vida dos nossos polticos profissionais. Se en fosse séri a enumerar as todas, esta *Chronica* teria de ser muito longa para ser completamente elucidativa. Resumirei, por isso a narração, restringi-do-a a uma nota expressiva, e que é, uma especie de boletim de saúde — visto que os vultos mais dominantes da politica nacional... deram baixa ao hospital! Ha muito tempo, por isso, que as gazetas substituíram as criticas vibrantes, traduzindo paixões exaltadas, pelas informações medicadas, feitas com as Neves eternas, de formalidade. Directores da politica e directores dos jornaes aboceram, com um proposito que deixo bem a descoberto no *acórdio*, de que tanto se queixam os que não interveem no que deu em chamar-se — o pacto do rotativismo. Vejamos!

Na Suissa o sr. Hintze Ribeiro, presidente do conselho, viu muitos medicos e poucas paisagens. Teve de trocar as altitudes pelas pharmacias. Em vez de se regular com sorbetes, feitos com as neves eternas, teve de se medicar com charopadas, feitas com o leite de duas maravilhosas quintas, convidado aos mais apastreses passios em extensos armamentos humbrosos e enfeitados com raro bom gosto, — teve de sujeitar-se a uma existencia absolutamente sedentaria. Preso pela doença n'uma ca-

deira semi-articulada, que o rapicho do doente preferiu a outras de superior commodidade, ali vin passos os mezes estíves.

Na Felgueira, o sr. conselheiro Carrilho, o sympathico director do *Economista* e intelligente e laborioso director da contabilidade publica, viu fallar-lhe — o orçamento da sua saúde. Quando deu... pelo erro da verba, procurou reparar o eugano, recorrendo a outros ares e a outras aguas.

No Luzo, o sr. Euzébio Navarro, director das *Novidades*, depois de ter passado um mez em Lisboa, na cama, soffrendo de gripe e soffrendo d'uma bronchite aguda, convalesceu lentamente, e com prohibição absoluta de se entregar a qualquer trabalho fatigante. No claustro da sua casa, sempre de cadeia coberta como um frade capucho, o poderoso jornalista passava as tardes sem ir vêr as suas fôres, que com tanto cuidados n'umto espasmo. Nos dias serenos do outono, quando o solia alto, é que as suas forças de convalescente principiam a reanimar-se, com pequenos passios em carro, pela montanha, lavada dos mais puros ares, carregados da seiva penetrante dos extensos pinheiraes.

Em Entre-os-Rios o sr. Marianno de Carvalho, revestido de tres camadas de coletes, assentando sobre outras tres camadas de camisolas e duas ordens de casacos encamucados, suava, pacientemente, a um canto do salão do hotel. De tempos a tempos, entre dois *biscotes* e um artigo, que para não *peder a mão* in escrevendo para o *Popular*, reclamava um pires, lançava n'elle um pó mysterioso, deitava-lhe o fogo e punha-se, de bocca encanarada, a aspirar a fumaceira intensa que se erguia d'aquelle insensorio modesto. Era um remedio contra os ataques d'asthma.

Na Rede o sr. José d'Alpoim, brilhante director do *Diá* e tribuno de tão excepcionaes qualidades, quasi que não sahia das salas senhorias do antigo solar, que quem passa na linha ferrea do Douro, descobre em cima, na montanha, dominando a paisagem maravilhosa, que mais adiante, em Gोजeiros se desenrola em todo o seu conjunto encantador. Doente e velando carinhosamente a doença de sua mãe, só a raras intervallos, é sempre com grande sacrificio, é que se apartou instantes d'uma existencia — que umas vezes foi de doente outras d'enfermeiro.

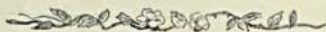
Podia ainda alargar-se esta lista d'enfermos, sem sair da *primeira plana* politica, como dizem os espanhòes: quero, porém, fechar-a com a referencia indispensavel ao sr. Pimental Pinto. O sr. ministro da guerra fez como Mahomet, — como a montanha não veio ao seu chamamento foi elle á montanha, — quer dizer, não sendo visitado pela doença — procurou-a. Não cahiu de cama mas cahiu d'um automovel. Todos os caminhões vão dar a Roma. Com a enfermidade, d'este illustre conselheiro da corôa di-se, porém, uma circumstancia singular: estava proximo a cair antes de cair, e por motivo de ter cahido é que já não chega a cair! E uma embrulhada, mas é uma verdade. O segredo d'este elixir regenerador, sem calambour, parece que foi encontrado pelo sr. Hintze Ribeiro, que o communicou a um profissional, o seu collega da fazenda. O sr. Teixeira de Souza, que, *malgraz-lhe*, continua a ser medico, fez uma visita ao enfermo. E tanto bastou!

Em quanto a doença, tão pronunciada e tão propositadamente, tem procurado ferir os que andam envolvidos na primeira linha de combate, um doente chronico, que o vai-vez da sorte — como se diz no *Notiudo do Sepulchro* — afastou dos combates parlamentares, recolheu á saúde combalida, curando-se, ao que parece, das mais impertinentes e teimosas das enfermidades! O sr. João Franco passarmos a outro chefe politico, em gozo de saude plena, teremos de citar o sr. Dias Ferreira. O illustre homem d'estado, tambem, felicemente, passa muito bem. Fez durante o verão uma visita a Vichy — mas nem assim conseguiu estragar a saúde de que disfructa, por isso que uma recente e interessante entrevista, celebrada com um jornalista republicano, mostrou bem o vigor com que continua a antepor as liberdades do Z<sup>o</sup>, aos formalismos estatuarios feitos para regerem os Estados.

Se do sr. João Franco passarmos a outro chefe politico, em gozo de saude plena, teremos de citar o sr. Dias Ferreira. O illustre homem d'estado, tambem, felicemente, passa muito bem. Fez durante o verão uma visita a Vichy — mas nem assim conseguiu estragar a saúde de que disfructa, por isso que uma recente e interessante entrevista, celebrada com um jornalista republicano, mostrou bem o vigor com que continua a antepor as liberdades do Z<sup>o</sup>, aos formalismos estatuarios feitos para regerem os Estados.

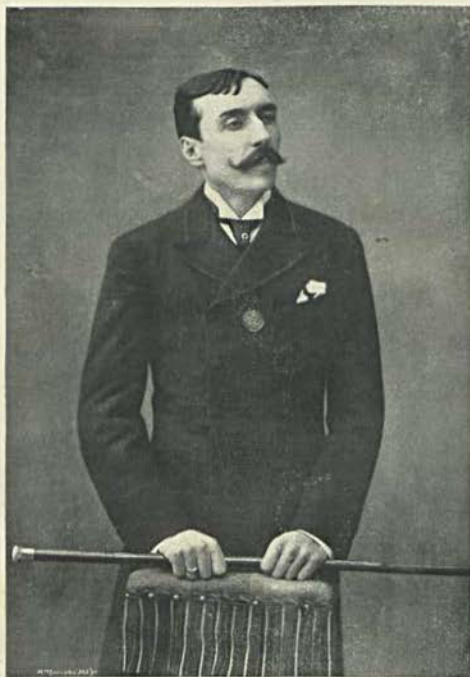
Tal é, leitor amigo, a nota mais caracteristica que me occorreu escrever-te nos primeiros dias da primeira quinzena de Novembro, o mez endemoninhado, o mez em que regressam a Lisboa as mulheres bonitas e os politicos furibundos.

J. BARBOSA COLEN.



# Eça de Queiroz e a sua obra

(Discurso lido, na inauguração da estatua de Eça de Queiroz, pelo sr. Ramalho Ortigo)



Eça de Queiroz

O mais imperativo dever, de espirito e de coração, me obriga hoje a dominar o inveterado acanhamento dos meus hábitos para o fim de intervir n'um acto publico, — o da entrega solemne á edilidade lisboense do monumento que os amigos e admiradores d'Eça de Queiroz lhe consagraram, e do qual o talento de Teixeira Lopes fez uma das mais eloquentes e commoveadoras obras da esculptura portugueza.

Senhores representantes da cidade de Lisboa, a vós especialmente tomo a liberdade de me dirigir.

O significativo padrao de que o conde d'Armoza acaba de vos dar posse, representa o apreço em que foi tido por alguns dos seus coetaneos um simples escriptor que, inteiramente recluso na religião da arte, se não entremeteu nunca nos conflictos seculares da sociedade a que pertenceu.

Nunca manipulou negocios, nem dirigiu empresas, nem exerceu especie alguma de auctoridade ou de poder sobre os homens do seu tempo. Não foi general, nem ministro d'estado, nem deputado ás côrtes, e nunca poderes publicos, nem sociedades sabias ou recreativas lhe votaram a coroa civica, de heroe, de martyr ou de simples e incategorisado visconde. Foi meramente um artista na mais extrema e estricta accepção d'esta palavra. E por esse unico titulo, a quem não teve mais nenhum, se erige um monumento. Caso novo e os mais fastos das consagrações posthumas, por meio do qual, n'uma cidade portugueza, inesperadamente se afirma o vinculo de solidariedade que em certo momento pareceu existir entre a vida civil e a vida intellectual da nossa raza. E é por certo um facto que fica bem a Lisboa ser ella que dê ao paiz, em nossos dias de implacavel egoismo, este primeiro exemplo do subido interesse nacional que alguns cidadãos ainda ligam ás mais puras e innegociaveis especulações do espirito.

Os titulos d'Eça de Queiroz a este galardão podem talvez compendiar-se em breves palavras.

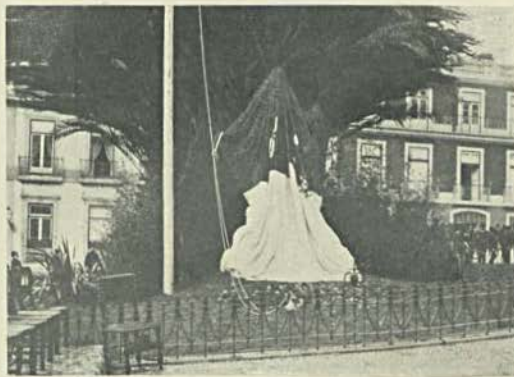
Desde os nossos grandes escriptores seiscentistas até Garrett nunca mais houve na litteratura portugueza senão estylos

derivados, secundarios, imitativos, ostentando pomposamente a inexpressabilidade mais indigentemente academica, e mais inanimada. Garrett foi o primeiro que, oppondo-se á corrente do convencionalismo, metteu debaixo do joelho o monstro da emphase atavica, da hercúlica rhetorica, que por mais de dois seculos resfolegara apocriticamente no fundo de toda a nossa producção artistica. Queiroz foi, para a segunda metade do seculo XIX, o que Almeida Garrett havia sido para a outra metade da mesma centuria — o escriptor do seu tempo, desprendido de todas as superstições technicas, exercendo livremente sobre a palpitante realidade do mundo vivo as suas pessoas faculdades de analysar e de sentir. Com a differença: que Eça de Queiroz, especializando-se no romance naturalista da decadente e complicada sociedade contemporanea, tinha de manejar um instrumento de observação e de notação grafica summamente mais complexo, de uma impressionabilidade e de uma agudeza incomparavelmente mais discriminativa, mais minudente e mais subtil, que o que empregára Garrett na idealisação poetica das nossas lendas e na dialogação simplistica, forçosamente convencionalisada e exigentemente declamativa, do theatro historico.

Sem enriquecer o lexicon, como Castilho e como Camillo Castello Branco, por meio de vozes novas e de vernaculos modismos pela primeira vez trazidos da tradição oral ou da raiz erudita para o discurso litterario, Queiroz elevou a uma perfeição de relevo, de colorido e de luminosidade, que nunca antes d'elle se attingira, o que propriamente se chama a arte de escrever, dando ao giro da phrase, independentemente do rebuscamento do vocabulo, temas melódicos, combinações d'harmonia e effeitos orchestraes do mais dominativo e avassalante poder de suggestiva commoção.

Não é, porém, um retrato litterario do insigne escriptor que me proponho traçar. O meu fim é unicamente fazer notar a Lisboa que Eça de Queiroz, é, como romancista o mais fundamentalmente e mais genuinamente lisboeta de todos os escriptores nacionaes.

Ele e eu fomos intimos companheiros de trabalho e de estudo durante mais de trinta annos — toda uma vida. Nascermos sob a influencia astral do mesmo mez, eu um dia antes d'elle, e só n'isto lhe passei adiante. Viemos ao mundo e fomos criados na mesma região de Portugal. Emblamar-nos identicas orações de nossas mães. Crescermos no seo da mesma paisagem, entre os esfumados e saudosos relevos do mesmo monte e a arfante vastidão do mesmo mar. Passamos na sombra dos mesmos castanheas e das mesmas carvalheiras, entre as amoras e as madreivas das mesmas azinhagas. Ouvimos o borbulhante murmúrio das mesmas aguas regadias, o lento gemer das mesmas azenhas, as ternas cantigas das mesmas esfolhadas, e o alegre repicar dos mesmos sinos, nas vigílias dos mesmos santos. Foi em Lisboa que mais tarde nos encontramos, ainda moços, mas bem differenciados já pela influencia do temperamento e pela dos contactos da vida na formação e descriminação da personalidade. Eu, mais accentuadamente sanguineo, grossamente musculoso, antigo passarinho, caçador de coelhos e pescador de trutas na sussurrante espessura dos espinhaes, e na desnuda corrente dos rios angustiados e precipitados das serras da nossa provincia, era, e fiquei para sempre, nostalgicamente minhoto, e como tal com vocação atavica para viajante e para embarcadoiro, gostando de ver terras e de andar nas aguas do mar, adaptando-me facilmente a todos os meios cosmicos e domando-me a tudo. Elle, delicado, nervoso, eminentemente cerebral, prodigiosamente imaginativo, fôra desde logo em Lisboa como que hypnoticamente attraído e ali-



Inauguração da estatua de Eça de Queiroz — Antes da cerimonia



O esculptor Teixeira Lopes

ciado pelo dramático problema de humanidade que encerram as quatro paredes de cada prédio ao longo dos populosos arruamentos de uma cidade. A perscrutação d'esse phenomeno, comprehendendo toda a cerebração e todo o emotismo de um lugar e de uma epocha, tornou-se a absorção e dominativa curiosidade do seu espirito.

Lisboa foi desde então o seu laboratorio de arte, o seu material d'estudo, a sua preoccupação de critico, o seu mundo d'escritor, o seu romance d'elle — iria dizer o seu vicio — a sua fatalidade, o seu destino. E pela razão de que profundamente se ama tudo o que profundamente se estuda, elle amou profundamente Lisboa, e a pouco e pouco se tornou elle proprio enraizadamente lisboeta, lisboeta até ás mais intimas moleculas do seu organismo, até ás mais profundas criptas da sua alma.

Nenhuma das outras grandes e bellas cidades em que residiu ou por onde passou — Paris, Londres, New-York, Madrid — teve o condão de o reter e de o seduzir. Em Paris, que por tantos annos habitou, elle nunca foi senão o estrangeiro, o hospede, o emigrado, hostilmente refractario, ahi como em qualquer outra parte, a toda a penetração de cosmopolitismo. A ultima vez que o vi, atravessando os Alpes a caminho da Italia, n'um terraço d'hotel, em Glion, tendo sob os nossos olhos o incomparavel panorama do lago Lemán, perto do qual, poucos dias antes, nos tinham mostrado as casas que haviam sido o refugio ideal de Wagner e de Ruskin, elle, recebendo-me o abraço de despedida, e velando pudicamente a sua commoção com um disfarce d'ironia, deixava-me comprehender que o que mais o seduzia e captivava na excursão da Suissa e na viagem da Italia, on le, pouco depois, elle esperava ir encontrar-me, não era o lago de Geneva, nem o lago Maior, nem o lago de Como, nem Roma, nem Florença, nem

Veneza, nem Palermo, nem Siracusa, nem Taormina; era simplesmente a chegada do vapor de Naples ao ancoradouro do Tejo, em frente do Caes das Columnas, ouvindo, ao romper do dia, cantar os galos da Ribeira Velha.

Os seus contos e as suas novellas são o espelho d'esse consorcio do seu espirito com o espirito da vida lisboense. Se um cataclismo arrasasse Lisboa e subvertesse todos os seus habitantes, pela obra de Queiroz, que poderíamos denominar *A comedia Burgueza de Lisboa no ultimo terço do século XIX*, se reconstituiria toda a vida da cidade durante o tempo em que elle foi o mais encantador dos seus chronicistas. Sobre as paginas immorredoras dos seus livros Lisboa inteira passa e se reflecte com n'um rio d'arte, crystalino, suave e passivo: as ruas com o borborinho familiar e caracteristico do seu commercio, dos seus pregões, das suas guitarradas, os jardins publicos, as lindas hor-



A viva, filha e familia de Eça de Queiroz

tas e quintas suburbanas, os passeios de moda, os theatros, os botequins litterarios e politicos, as tabernas populares, as casas d'hospedes e de penhores, os interiores de palacios e de habitações burguezas, os clubs, as redacções de periodicos, as scenas de *sport* e as scenas de mundanismo, a religião, a politica, a oratoria, a epistolographia, as modas, as aspirações, os cuidados, os vicios, os fingimentos e as hypocrisias, as taras hereditarias e as psychoses endemicas, com todas as allucinações, todos os lethargos, todas as incoherentes anomalias da grande nevrose do nosso tempo.

E n'esse vasto scenario toda uma densa população pullula, ama, pensa, estuda, combate, intriga, devora, ou boceja, e n'uma urldudim de lagrimas e n'uma trama de sorrisos pensosamente vae tecendo a fragil teia da vida. As personagens de Eça de Queiroz, que elle arrancou da banalidade da carne para as immortalisar tornando-as typicas pela aureola da arte, vivem em nossa imaginação mais poderosamente e mais intensamente do que se fizessem uma parte material do nosso mundo objectivo. Fradique Mendes, Carlos da Maia, Gonçalo Ramires,



O actor Ferreira da Silva recitando os versos de Alberto d'Oliveira



Discurso do conde de Arnoso



Ramalho Ortigão, lendo o seu discurso

o primo Bazilio, o padre Amaro, o conego Dias, João da Ega, o Ra-  
poção, o dr. Margaride, o Libaninho, o conselheiro Acacio  
e outros muitos, são outros tantos authenticos, actuaes,  
ponderosos moradores de Lisboa que, n'este momento talvez,  
nos estão ouvindo, ou cujas opiniões, theorias, modos, ges-  
tos, expressões phisonomicas e estados d'alma iremos en-  
contrar hoje mesmo na Havaneza, no Terreiro do Paço, no  
Central, no Tavares ou no Augusto, descendo o Chiado ás  
4 horas, passando ao crepusculo na Avenida, ou á noite,  
no theatro, exhibindo-se, pontificando, discursando, flirtando  
ou aborrecendo-se juntamente com as mulheres, as filhas, as  
tias, os namoros e as proprias creadas: a allucinante e fatal  
Maria Eduarda, a desgraçada e tragica Luiza, a condessa de  
Gouvarinho, a Maria Monforte, a D. Leopoldina, a desorde-  
nada Lola, a sentimental ephemera Carmen Puebla, a abor-  
minavel Juliana, a tia Patrocina das Neves, a hedionda se-  
nhora...

Aos que opinem que d'este grande quadro se não extrae  
facilmente uma nitida e bem assignalada lei moral, eu ousa-  
rei observar que o fim da arte não é moralisar os costumes  
por meio do pedantismo de preceituções inuteis. O fim so-  
cial da arte é simplesmente elevar por alguns momentos do  
puro extase intellectual as almas de uma multidão acima dos  
interesses materiaes, que pela persistencia da sua acção per-  
vertem os homens, desassociando-os da sua missão collectiva  
de fraternidade, de admiracão, de indulgencia e de amor  
perante a eterna harmonia do infinito universo. E' d'essa  
harmonia universal, passiva e transcendente, que a obra ar-  
tistica procura ser a imagem tenue, irremediavelmente incom-  
pleta, como toda a sublime aspiração humana do imperfeito  
para o absoluto.

Terminando, meus senhores, permiti-me dizer-vos que  
a admiravel obra de Teixeira Lopes, da qual d'ora avante  
vós sereis os possessores, como que ratifica por uma rutilante  
afirmação a arte a minha obscura opinio de critico. Contemplando



Discurso de Luiz de Magalhães

um pouco detidamente o enigmatico vulto de mulher olympi-  
ca, collocada pelo illustre esculptor junto do vulto do meu  
saudosos amigo, eu concluo perguntando-me se essa gloriosa  
figura, em vez de personificar uma pura e etherea abstracção  
esthetica, não é antes a estatua mesma de Lisboa, de Lisboa  
intima — casta e heroica Phrinéa, modelo de deusas — des-  
vendando inlentemente o mysterio do seu encanto aos  
olhos amorosamente perscrutadores do seu primeiro roman-  
cista.

## A inauguração da estatua

A objectiva de Arnaldo da Fonseca o illustre collabora-  
dor photographico do *Brasil Portugal*, apresenta hoje aos  
leitores a estatua de Eca de Queiroz, que se inaugurou a 9  
d'este mez no largo do Quinella, junto áquella lendaria pal-  
meira que é um encanto. Além da estatua, tal qual ficou, e  
tal qual estava quando Teixeira Lopes, o genial esculptor, lhe  
dava os ultimos retoques, damos varios aspectos da ceremoni-  
a. Um por um, os principaes oradores foram apunhados  
em instantaneos, exactamente no momento psychologico em  
que discursavam. Ahi os teem. O primeiro é o sr. conde de  
Arnoa, a quem cabe a iniciativa do monumento. Ao entrega-  
lo á guarda da municipalidade de Lisboa, fez um pequeno  
discurso ao qual respondeu o illustre presidente do munic-  
ipio o sr. conde d'Avila. Seguiram-se depois Ramalho Orti-  
gão que leu o admiravel trecho de prosa que aqui registramos,  
e que é o melhor monumento erigido a memoria do grande  
artista, seu collaborador; dr. Luiz de Magalhães que com o colorido



Antonio Candido, orando

da sua phrase quente poz bem em realce a obra profundamente artis-  
tica de Eca; o estudante da Universidade de Coimbra, An-  
nibal Soares, em nome da Academia; Ferreira da Silva que  
recitou uma delectosa poesia de Alberto d'Oliveira; final-  
mente Antonio Candido que com a energia da sua palavra  
inequalavel, em syntheses admiraveis, disse o que foi e o que

O discurso de Aníbal Soares  
estudante de Coimbra

# Estatua de Eça de Queiroz



ULTIMOS RETOQUES

O escultor Teixeira Lopes e a sua obra

valeu a obra do grande romancista. Em nome da família de Eça que assistiu á cerimonia agradeceu por ultimo o sr. Conde de Rezende, seu cunhado, a homenagem prestada ao escriptor. O auto lido depois foi assignado por todos os presentes, entre os quaes estiveram os srs. conselheiro Hintze Ribeiro, presidente do conselho de ministros e Teixeira de Souza, ministro da fazenda. Foi o primeiro quem descerrou, a convite do sr. Conde de Arnoso, a estatua, obra realmente feliz de Teixeira Lopes e que tem causado a admiração sincera da capital.



É uma coisa triste para uma mulher ver que o homem que ella prefer não é o primeiro dos homens, e que nem toda a gente tem por elle uma grande estima e uma grande admiração. A estima dos outros por aquelle que ella ama é muito no amor d'uma mulher, porque no seu amante procura um apoio e um protector; porque sente que se identifica com elle, que não é mais do que uma parte d'elle mesmo, e n'elle se absorve, não querendo nem outra consideração, nem outra gloria que não seja a sua.

Todas as mulheres se parecem; só ha differença nas circumstancias.

Toda a mulher se julga roubada pelo amor que se tem por uma outra.

ALFONSO KARR.



Italia Vitaliani

*Não foi devidamente apreciada pela critica nem acolhida com entusiasmo pelo publico, como tinha direito a sê-lo pelos seus meritos excepcionaes, pelo seu genio artistico, a grande actriz Italia Vitaliani, chamada a Portugal pelo empresario Taveira que na «Tosca», na «Maria Stuart», na «Lucandiera», na «Magda», na «Fedora», nos deu no palco da Trindade, as relações da mais nobre e da mais bella Arte. Uma actriz extraordinaria, que, pelo genio e pelo sentimento é uma das maiores do seu tempo.*

## APHRODITA

Movel, festivo, trepida arrolando,  
A clara voz, talvez, da turba irritada  
Das serenas de cauda tratada,  
Que vão com o vento os carmes concertando,

O mar, — turquesa enorme, iluminada,  
Era, ao clamor das aguas, murmurando,  
Como um bosque pagão de deuses, quando  
Rompeu no oriente o pallio da alvorada.

As estrellas clarearam repentinas,  
E logo as vagas são no verde prado  
Tocadas de ouro e irradições divinas;

O oceano estremece, abrem-se as brumas,  
E ella apparece tua, á flor do oceano,  
Coroadada de um circulo de espumas.

### II

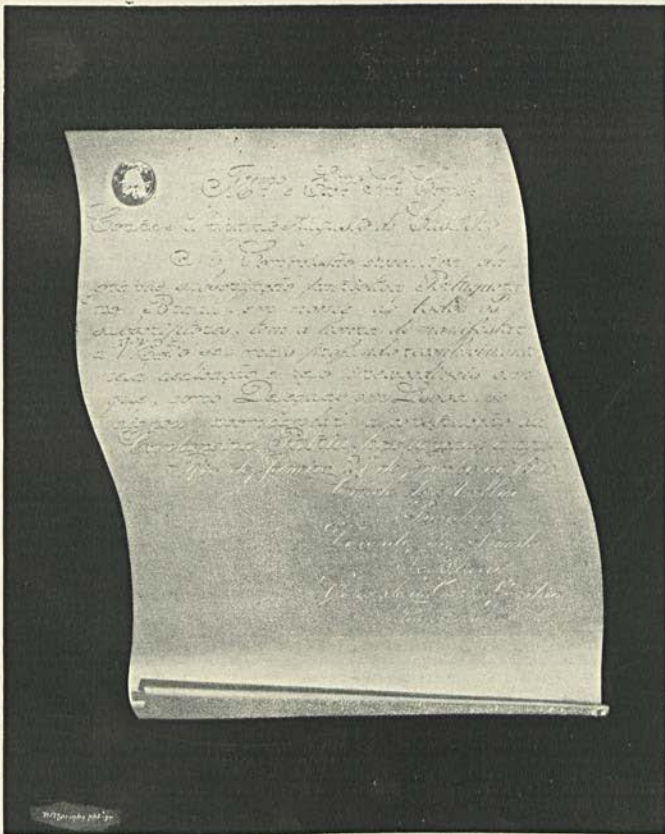
Cabello errante e louro, a pedravia  
Do olhar faiscante, o marmore lustido  
Colorido do peito, — nua e fria,  
Ella é a filha do mar, que vem sorrindo.

Embalaram-na as vagas, retinindo,  
Resoantes de perolas, — sorria  
De vê-la o golfo, se ella adormecia  
Das grutas de ambar no recesso infinito.

Vêde-a: veio do abysmo! Em roda, em pello  
Nas aguas, cavalgando onda por onda  
Todo o mar, surge um povo immenso e bello;

Vem a saudal-a todos, revoando,  
Golinhões e tritões, em larga roda,  
Pelos retorsos buios asopRANDO.

ALBERTO D'OLIVEIRA.



Fac-simile da mensagem gravada em uma folha de ouro, e encimada por um brilhante, dirigida pela commissão executiva da grande subscrição, aberta no Brasil para construcção da canhoneira «Patria», ao nosso director Augusto de Castilho, em reconhecimento dos serviços prestados como seu delegado em Lisboa





# De Lisboa às Ilhas

V

A Ilha Graciosa — A Ilha de S. Jorge — O Pico — O Fayal — A despedida

Meus amigos:

Afinal o Açor não é tão mau como o pintam. Na sua elegancia de vapor casilheiro contem uma força pouco vulgar. Como todos os velhos, gaba-se de energias passadas e conta victorias havidas sobre tufões varios que têm varrido as paragens açoreanas, respeitando-o a elle. É á vel-o quando, no Fayal, se prolonga com o seu somonimo, a canhoneira de guerra que alli representa as glorias portuguezas com a sua pequenez encimada pelo pavilhão das Quinas. Dir-se-ia que cresce n'um desafio para regata. E tem já cabelos brancos este lobo do mar, este bom servical honrado, que merecia uma reforma e um logar á parte n'um museu de velharias! De resto boa pessoa. Cumpre o seu dever. Joga pouco quando a vaga dormita, e, como os cavallos de fleira, ainda arrebita as orelhas, se se anuncia pameiro. Não tive ensejo de verificar as suas qualidades nauticas, não sendo a mar se mantere na travessia para as ilhas centras. Certo é que, ao sair da bahia de Angra, a barbada de agua da prò revelava impetos de leão.

Era uma hora da noite, uma noite luminosa de estrellas, quando largámos da amarração e nos afastamos da terra santificada por heroismos. Minutos depois a Terceira velava-se na sombra e nós vogavamos no grande atlantico, que mal arfava em homenagem ao meu grande amigo açoreano, que, como eu, seismava, a ré, na mesquinha humanidade e na grandeza do infinito, e bebia a pulmão cheio a pureza da briza que vinha do largo. Na ponte um official de quarto, á prò uma vigia, o *quartermaster* em giro, e nós n'uma batuidade de musulmanos, aninhados em cadeiras de lona, olhos errando pela estrada de S. Thiago. Ninguém mais na tolda. O doce embalar do berço transtornára estomagos e cerebros, e os beliches iam cheios de corpos sem almas, gembundos e suados. Mergulhados em nós mesmos, ficámos calados, sem confidencias, sem desmandamentos de pensamentos íntimos, aborrtos, a ver no escuro, a ouvir no silencio empolgante do mar. Um longo somno até que a aurora tingiu de rosa o horizonte. Mostrou-se-nos então a graça da linda Graciosa, tão pequena e tão esvelta, a sair das aguas e das nevoas, orlada na base por tufos de espuma, figurando rendas de um manto de cauda mivedica. Durára quatro horas a viagem de Angra ao porto de Santa Cruz, na costa norte da ilha.

O meu querido e saudoso amigo de 2 mezes, que tem uma memoria como a de Scarron, memoria em que as datas se fixam para sempre, disse logo que estavamos em 39°, 2' lat. N. e 21°, 54', 15" long. O. de Lisboa, que distavamos 50 kilometros de S. Miguel, 35 de S. Jorge, 60 do Fayal, 60 do Pico, 215 do Corvo, 230 das Flores, 175 de S. Miguel e 265 de Santa Maria — quer dizer, isolados, perdidos nos mysterios do grande mar! Mais impingiu que é a mais pequena das nove ilhas do archipelago, e que tem apenas 18 kilometros de comprido por 12 de largo.

Eri e a meu turno impinjo ao leitor estes encantadores algarismos que representam na grande lista dos meus conhecimentos nautico-geographicos uma especie de sãnscrito intraduzivel.

A Graciosa é de origem vulcanica e apresenta ainda vestigios de erupções remotas anteriores ao seu descobrimento. Toda a costa é encarpada. A do sul é de declives suaves. Ao poente a dois passos da Praia, existe uma curiosa furna de enxofre, de 3 kilometros de diametro. Ao fundo d'essa curva rasga-se um abismo, que desce a 90 metros, de accesso por um cabo preso a uma roldana. Fazem arriprios as arestas d'essas paredes quasi a prumo que terminam á beira de um lago que dorme sob uma enorme abobada de 4 metros de gito, pingando stalactites, e de 180 de largura. Cheira a enxofre n'esse remanso a que não chegam os rumores da terra.

— Aqui esteve já, disse Elle, o principe de Monaco, um acrobata exímio. Aqui desceu Garrett quando para a Praia veio com o tio, João Carlos Leitão, juiz de fóra, em 1810. Aqui passou, em 1791, Chateaubriand, que



AÇORES — Porto de Santa Cruz — Ilha Graciosa

apenas se debruçou sobre a caverna. Aqui se deteve o padre Antonio Vieira quando prégou na ilha. Aqui vamos nós descer . . .

— Não, grande homem e valente irmão de aventuras! bradei. Põe os olhos no Chateaubriand e não evergonhomos a França fazendo *bras de ferro* n'uma reles corda de esparto. Debrucemo-nos e partámos.

E depois de nos debrucarmos fomos ouvir gemer a furna de Carapacho, na deliciosa região das aguas thermas. A furna tem 2 kilometros e rumor surdo, especie de lamentos dorridos que conflagram. Alguem chorava lá em baixo — fidalga encantada, ou alma penada de algum patife cheio de remorsos. Quando chegámos á silenciosa Santa Cruz o Açor apitava esganado chamando os transevidos. Entramos rapidos na matriz, lançamos a nossa admiração ao soberbo retabulo em que os Apostolos (?), mettidos em tintas ingenuas e berrantes, em-lashacaram, saltamos lípidos para um escaler de 3 remos por banda, e minutos depois, tomavamos posse das nossas cadeiras de lona, e seguimos para a ilha de S. Jorge. Eram 10 horas da manhã.

Costeando a ilha para o sul, avistava-se por oeste o Fayal e o Pico, as duas ilhas fronteiras. De ali a 2 horas dobravamos a Ponta dos Rosas, onde formava esse enorme canal formado por S. Jorge e pela ilha do Pico, esta a nosso estibordo — canal de 20 leguas por 4 de



AÇORES — Porto de abrigo na Horta — Ilha do Fayal



AÇORES — O Pico coberto de neve

largura. Durante ainda 2 horas o Açor foi enfiando esse braço de mar, prolongando a terra da esquerda, de rochas ferruginosas, altas, sem saliências, simulando muralhas. Depois a paisagem arida modificou-se e aqui e ali apareceram, para logo fugirem pela ré, pequenas aldeias espreguiçando-se pelos declives — Velas, na base de rochas caídas, Urzelina, a torre de S. Matheus, que escapou ao terremoto de 1808, e que é hoje um monumento interessante, Santa Barbara, e plantações viçosas, formando todo um presepe delicado, e ao fim a Calheta, pequeno porto natural de rochedos negros à flor da água, triste e solitário como Londres ao domingo. S. Jorge tem uma historia toda feita de convulsões. Toda a costa do Sul é pittoresca no seu conjunto de verduras e mysterios. As grandes pastagens dos planaltos e os gados são a sua principal riqueza. A costa do Norte, selvatica e abrupta apresenta aspectos estranhos de belleza formidavel, deixada por tremores antigos. A Calheta, que só 2 vezes por mez é visitada por paquetes da carreira, recebeu-nos de braços abertos. Nós eramos representantes da patria longínqua, tão amada, exemplares raros a despertarem curiosidades. E o catraeiro sorriu-nos, o camponez

saudou-nos, as auctoridades abraçaram-nos, o descendente nobre dos primitivos povoadores cortejou-nos á antiga portugueza, e nós achamos como que em nossa casa, pisando aquelle solo aspero em que a hospitalidade foi, durante horas, suave como arminho. Um jantar heliogaulesco em casa do Reis, guitarrista exímio, e á la parte bordo, que a noite caíra de chofre e a resaca nos recifes ameaçava fazer-nos em pedaços.

— Sabes tu (o tu era já moeda corrente entre nós) — confidenciao o meu amigo do *Cazengo* — que o Reis me entrou pelos olhos e pela estirna! E a guitarra dedilhada por elle! Não é uma guitarra: é a alma portugueza a fazer vibrar cordas que estejam partidas. (E como eu arriscasse: a guitarra e o jantar: elle pregou-me uma descomponenda de bota abaixo): «Barbaro! Filho indigno da provincia que te produziu! Quando um fadinho soluça semem-se as sôpas de cervão, os assados e os escabêches para deixarem em campo apenas os maranhos e o sentir das saudades. N'este desmanchar de feira, n'este debandar da arlequinada, n'este desabar da nossa vitalidade, o que nos resta, o que levará á posteridade as nossas grandezas e os nossos poemas de glorias, é a guitarra. A guitarra será um symbolo, um porta-voz, um pregoeiro do que fomos. Camêes ha-de ser cantado em *toeiras*, e o hymno da carta será dançado com redondilhas em *lá menor*, n'um rhythmmo de lagrimas. E os novos barbaros invasores, saberão o que foi o teu país de navegadores e de fadistas. Mas em quanto isso não vem, inclina-te, como eu ante os tremulos das *primas*, que tanto dizem do nosso paiz apaixonado, e esconde a digestão dos jantares pantagruelicos.



AÇORES — No Pilar (dominando a bahia da Horta)

Durante toda a noite nos sentimos embalados em frente da Calheta. De madrugada, içado o ferro, approimos á ilha do Pico, e ás 9  $\frac{1}{2}$  pairavamos nas Lages, pequena villa do extremo sul, de onde pouco depois seguimos para o Fayal, ao longo da costa. Que tristeza a d'essa montanha que se ergue em rampa direita desde o mar até attingir o Pico aguçado que do alto de 2.500 metros nos esprieta soberbamente por sobre o eterno collar de nuvens que o enfeita. Parece a ilha feita de cortiça velha, esbranquiçada pelas soalheiras. Do mar apenas se descobrem, na parte sul, ladeiras de pedras, em que mal se enxergam raros verdes. Parece arida. No entanto foi enorme a sua produção de vinho antes da invasão do *phyloxera*, produção que em breve crescerá com as cepas americanas que se ensaiam.

E' deslumbrante o panorama que do topo do Pico se desenrola aos nossos olhos maravilhados, em dias claros. Em volta, cercada de espuma nos cachopos, toda a ilha em que se recortam o Caes do Pico, Magdalenas, S. Matheus, Prainha, Lages e uma infinidade de freguezias, e *carrues* (carrados) em que se abrigam vinhedos rasteiros e arvores fructíferas, e, nos varios pontos do horizonte, o Fayal, a Graciosa, S. Jorge, a Terceira, accorados no oceano, e, muito longe, avista-se S. Miguel na linha do oriente com auxilio de bons oculos. O que, porém, mais nos enleia é ver o Pico, ao arguer do sol, desenhado nitidamente, prolongando-se alongado para o poente, na superficie do mar até aos contins do mar, espectáculo que poucos logram gosar, tal e tão espessa é a nevoa d'essas regiões. O Pico é o barometro do Fayal: as nuvens que o abraçam e estrangulam indicam, com rigorosa precisão, chovas, tormentas, e ventanias. Clima secco e o mais temperado de todas as ilhas, contrastando com a permanente humidade de Fayal, que quasi faz parte. Em 2 horas fez-se o trajecto das Lages, prolongados com a terra, á cidade da Horta, que repousa em curva na margem da ampla bahia do Fayal, o melhor porto de abrigo dos Açores, protegido pelo valente caes quebra-mar. Copio da minha carteira as informações do meu guia:

... Diz-se que foi descoberta em 1453. Mas asseveram velhos chro-



AÇORES — O Pico em noite de lua cheia

nistas que era conhecida em 1449, pois que n'esse anno já o infante D. Henrique fôra autorisado por D. Affonso V a mandar povoar as 7 ilhas, incluindo o Fayal. Divergem todos os auctores sobre o nome do seu verdadeiro descobridor. Creem uma que foi o Velho Cabral, outros affirmam ter sido Jorge d'Ultra, rico fidalgo de Flandres, primeiro donatario da ilha. Contrapõe-se a estas opiniões a tradição de que a ilha fôra visitada antes por pescadores de S. Jorge e da Terceira, e que já então ali residia um velho ermitão, que elles consultavam como oráculo e cuja origem ninguem comprehende. Uma lenda afinal que não é apoiada por documentos que a comprovem, e a mysterio subsiste sobre estes dois pontos nebulosos.

Os campos do Fayal são alegres e dão-nos, aqui e ali, ideia das campinas verdejantes do continente, excepção feita do Capello, em que o olhar se fatiga perante longos trechos de lava, que nos velhos tempos jorraram das crateras dos montes vulcânicos. A Horta, interessante e animada, não tem o aspecto funebre das outras cidades açorianas. Ponto de passagem para todos os navios que vêm da America e do Pacifico, esse porto artificial é constantemente visitado por baleeiros, vasos de guerra e paquetes. Tres cabos submarinos de ali partem — o americano, o inglez e o allemão. E' no Fayal e no Pico que mais se têm feito sentir os efectos da emigração para a America (Boston). Familias inteiras abandonam, por vantagens problematicas, o pais, a que vão faltando braços para a cultura das terras.

Parece averiguado que os ascendentes d'Almeida Garrett se fixaram no Fayal, o que contradiz a versão de D. José de Lacerda, que no seu *Diccionario Encyclopedico*, afirma ter o pae de Garrett, irlandez, emigrado para Hespanha, de onde partiu para Portugal, casando ali com uma portugueza. A proposito d'esta interessante controversia enviou um artigo do investigador Silveira Avelar, contendo curiosissimas notas documentadas.

Adens! Tal foi a palavra tremenda com que o meu companheiro de viagem veio despertar-me na madrugada seguinte. Parto! A vida peza-me com os seus egoísmos, invejas e calumnias e com o seu eterno ressonar de semabornias. Vou para os confins do mundo, onde ainda ha ingenuidade, bondade e virtude, onde a natureza é calma, a mulher é boa e a ignorancia é primitiva. Vou entrar no Corvo, o pequenino rochedo, que é como o ponto final d'este archipelago riscado entre o continente portuguez e a America. Não colheces o Corvo. Tem uma legua em diametro e é espherico e inacessivel. No topo ha um lago sócogado. No sul uma depressão com casas simples de gente simples e boa: é a villa, a nunca. Echos da civilisao só chegam 4 vezes por anno. Um Eldorado de costumes saos, patriarchaes Ali não ha ingratições, nem crimes, nem mendigos. A cadeia nunca se fecha sobre o condemnado por desaeitos ou incorrecções de proceder. Se a opinião dos

velhos reclama 2 dias de prisão, o delinquente vae encerrar-se no carcere aberto e cumpre a sentença religiosamente. O que perder um objecto, rico, ou não, não se queixa á igreja. Se o acharam, lá apparecerá no prego do costume. O seductor de ingenuas é votado ao ostracismo, e só no dia da reabilitação poderá apertar as mãos dos honestos. Todos os homens validos dão um dia de trabalho para se reedificar a casa que tenha sido devorada pelo fogo. Serviços prestados a forasteiros não se pagam, que os serviços são favores de delicadeza e os favores não têm preço. Não se prostituem as almas, nem os corpos. A palavra empenhada vale uma escriptura. Quando, pela lei, se assignam contractos, os contractos são rasgados em familia e fica de pé a palavra. O José Julio Rodrigues, um humorista por fóra e um triste por dentro, disse que, quando estivesse fatigado de viver e quizesse descansar com as suas deullhões, pediria ao seu governo um logar de regelor e iria enterrar-se no Corvo. E' o que eu faço. Vou para o Corvo onde me lembrarei, consolado, da nossa amizade de pouco tempo. Reconciliaste-me quasi com os homens, mas deteste-te porque fazes parte da corporação. Adens!

E, depois de me emusgar as phalanges como no primeiro dia da nossa viagem, aquelles cinco seculos da historia açoriana, aquella alma dorida desfizeram-se, diluiram-se, evolveram-se, seguindo a direcção do poente e deixando na nebrina da manhã um rasto luminoso.

Só então bem pezei a phrase do poeta: «nós levamos metade da vida a fazer amigos e a outra metade a choral-os».

Vosso  
LORD J. TAVARES.

A historia fala-vos dos outros, o romance fala de vós.

ALPH. KARR.



AÇORES — Caes das Velas — Ilha de S. Jorge

Um homem sem dinheiro está sempre agonizante, e o dinheiro sem o homem é cousa morta.

OXENSTIERN.

E' sempre bom saber alguma cousa.

GETHIE.

As mulheres não teem amigas; só teem rivaes.

GONDINET.



AÇORES — Villa de Santa Cruz — Ilha Graciosa

## MEIO DIA

Além do montado, no pequeno cerro penhascoso, todo coberto de azinheiros e sobros, levantava-se a paisada do José Fino. Ao redor, a horta, sempre com as suas hortaliças frescas e cheirosas, que eram um regalo, um tanque rectangular, com uma pedra esguelhada, para se lavar a roupa, capoeiras, casa de coelhos, tudo em ordem, tudo com muito azeite. Ao longe antolhavam-se casitas brancas, que campavam no meio das carvalheiras, pinheiras extensas, moitas espessas.

O José Fino não vivia mal, vamos lá com Deus! Mas havia um bom par de semanas que o pobre do homem via a morada envolta em uma nuvem de tristeza. Se lhes parece! A filha, a sua única filha, a Thereza, um anjo com cinco annos, linda, que até parecia uma pintura, estava muito mal, assim a modo umas febras que a punham variada, n'um estado de metter dó a uma alma de Christo. O pae e a mãe bem se esfoçavam, coitados, lá isso... As parcas economias de muitos annos haviam-se ido todas embora, até os ultimos cinco réis, no tratamento da pequena; só para a botica, um dinheirão! Calcula-se.

Durante quinze dias esteve a pequena... tem-te, Maria, não

caias... mas depois entrou de peorar. Assim como assim, fosse o que Deus Nosso Senhor quizesse!

Ora n'aquella manhã parecia a Thereza estar mais socegada; a mãe, de joelhos, junto á cabeceira, perguntava-lhe de quando em vez:

— Então, estás melhor, filha?

O pae, esse, chorava, sentado n'um mocho, quando algum empurrou a porta e entrou. Era o prior, um santo homem — não desfazado nas pessoas presentes — cabellos brancos, um tanto corcovado, que vinha á sua visita quotidiana.

— Então que temos?

O José Fino, depois de lhe beijar as mãos, respondeu, a desfazer-se todo n'um mar de lagrimas:

— Ali onde a vê, senhor padre Joaquim, está por pouco; aquillo vai-se como um passarinho. O senhor doutor fez-nos a esmola de cá vir ainda agora ver a pequena, e sempre lhe digo que fez uma cara... como quem diz com os seus botões: — Está aqui, está nos anjinhos.

— Isso é imaginação sua, tio José!

— Deus o oiça, senhor prior, Deus o oiça! Mas olhe que quasi sempre quando uma pessoa doente se sente assim mais aliviada, é quando morre mais depressa.

— E se tal acontecer, conforme-se com a vontade de Deus!

— Seja tudo por nossos peccados... Venha cá acima, senhor padre Joaquim! Pelo sim, pelo não, a sua benção! Sempre lhe ha de fazer bem.

O padre entrou no quarto de Thereza. A pobre creança dormitava, olhos cerrados, muito pallida. O prior animou-a com algumas palavras.

— Então já me não conhecea, Thereza? Desprezas o teu amigo? Olhem a ingrata!

A enferma ouviu-lhe a voz; abriu um pouco os olhos, mirou o seu amigo com uma expressão de meiguice e gratidão, voltou a cabeça para o lado e ficou-se. O padre poz-lhe a mão sobre a testa, onde o suor esfriava de repente, e ajoelhou, acompanhando a derradeira benção, a benção funebre dos ultimos momentos, de uma sentida oração, rezada por entre os soluços dos paes da creança morta.

Fino do verão. O sol, batendo perpendicularmente, queimava a bom queimar, quando o prior saia da casa do José Fino, duas lagrimas a rola-re-lhe, faces rugadas abaixo. Pelos vinhedos extensos alvejavam as camisas brancas dos trabalhadores que giravam para uma e outra banda, na sua lida, levantando os bidentes, que reluziam ao dardejar do sol, e deixando-os cair de golpe sobre a terra secca e mal estorreada. As menses ondulavam, baloiçadas pelo vento, em voluteações de um flavo brilhante; feixes de papoilas armavam effeito pelo meio das espigas loiras, já gradadas, matizando as cearas, aqui e além, como manchas de sangue n'uma túnica dourada. A natureza esplendia de magestade, em grande gala, ostentando soberbamente, luxuriantemente, toda a sua enorme e variada pompa de sons e cores, de animaes e vegetação. Aranhas teciam, a esmerro, filamentos prateados pelas ramarias dos pinheiros. As amendoeiras engrinaldavam-se com flores brancas, vestiam-se de noivado, com aromas de primeira communhão. Navens ligeiras, em rólös esbranquiçados, esmaectam



AZORES — Na ribeira dos Flamengos — Ilha do Fayal

se na vasta cúpula do céu. Muitos bandos de passaros, ás révoadas, voavam pelo ar, psalmeando canções ternas.

E que calor, santo Deus! Além brilhava, sobre uma eira, um montão de massarocas estonadas; mais para ali estatelava-se o gado de um pegureiro; o diacho do homem, escanchado sobre a manta de lã, em mangas de camisa, de vez em vez lá se soerguia um pouco, apoiando meio corpo sobre um dos braços e gritando:

O' malhada, a modo que precisas! Ehi coiza, aqui já!

Algures, pelas estradas, ouvia-se a canção arrastada dos boieiros, casando-se com o guinchar gemente das rodas pesadas dos carros, carregados de bagaço ou lenha; bois, estafados do trabalho, marchavam, passo aqui, passo acolá, sacudindo o rabo, deixando pela terra das laideiras carreiros de baba escumosa. Alguns caçadores passavam ao largo, atirando aos pardaos, que caíam mortos ou feridos pela escumilha da caçadeira, enquanto os podergos maticavam com latidos esganicados, farriscando pelas lorgas. Nuvens de mosquitos semelhavam poeira movediça em torno das oliveiras. As veias dos moínhos giravam, buzios a zumbirem, fazendo rebolincar as pesadas borneiras. Para a aldeia, por uma vereda, passava o estafeta, montado a toda a brida, nas horas de estalar.

E o padre quedou-se a contemplar todo aquelle afan da natureza, em pleno meio dia, quando o sol lançava das suas fogueiras a maior intensidade de calor e os gados se estrivavam pelo chão, arquejando de calma, e os fructos córavam de momento, aquecidos abraçadamente. Que grandes herdades ficavam por ali! E como tudo trabalhava, Santíssimo Mãe de Deus!

Uns andavam na estercada, outros estinhando o mel pelos cortiços; estes cavando nas hortas, aquelles iam já no meio da empol-dra; gargaleiros passavam perto, lavezos atravessavam o campo, charruas para aqui, arados para além... O céu estendia o seu manto azul por sobre este immenso labutar, a bemdizê-lo, a con-



ÁÇORES — Ilha do Pico

## Almeida Garrett

Este por tantos titulos celebre portuguez está vinculado por seus accidentes a esta ilha do Fayal.

Em terras portuguezas a que tem a gloria de primeiro se haver estabelecido a familia Garrett é esta ilha. Aqui, na então villa da Horta, constituiram familia dois de seus membros, de um dos quaes procederam varões illustres como D. Fr. Alexandre de Sacra Familia, bispo de Angra, e seu sobrinho o visconde d'Almeida Garrett, perante o qual a posteridade se curva reverente.

O DICTIONARIO ENCYCLOPÉDICO por D. José de Lacerda, porém, biographando esta celebridade, diz que — "seu pae, descendente de uma familia nobre irlandeza, emigrou para Hespanha por motivos de religião, e d'ali veiu a Portugal, onde casou com uma senhora portugueza."

O que mostra apenas que nem sempre em publicações de semelhante natureza, para nos servirem de mestre, se investiga a origem de factos dados como verdadeiros.

Por isso gravissimo erro é suppor que Antonio Bernardo da Silva Garrett, pae d'Almeida Garrett, como descendente de uma familia irlandeza, emigrou para Hespanha e d'ali veiu a Portugal quando é certo que elle teve por patria esta ilha do Fayal, onde nasceu a 10 e foi baptisado a 18 de agosto de 1749 na parochial egreja matriz do Santissimo Salvador.

Reivindicando, pois, para esta ilha o primitivo assento da familia Garrett, muito antes do seu estabelecimento no continente, de que então procede o notavel portuguez e outros membros, pretendo mostrar o que a respeito consta do registto parochial da dita egreja matriz.

O primeiro individuo d'esta familia que se estabeleceu n'esta ilha foi D. Antonia Margarida Garrett, natural da freguezia de S. Martinho da cidade de Madrid, reino de Hespanha, filha do capitão D. Bernardo Garrett e de sua mulher D. Angela Maria Vissinoro, — pelo seu casamento celebrado em 10 de fevereiro de 1736 com José Ferreira da Silva, natural da freguezia de Santa Catharina do Monte Sinay da cidade de Lisboa, filho de Joseph Fernandes Juste e de sua mulher Luzia Ferreira da Silva.

José Ferreira da Silva, segundo uma copia do respectivo termo enviada pelo sr. Antonio de Portugal de Faria, consul de Portugal



ÁÇORES — Valle das Velhas — Ilha de S. Jorge

sagral-o; Deus sorria-se nos raios do sol, no desfilar das nuvens, no cheiro das flores e no bater dos gados.

E foi n'este momento que o sino da egreja da aldeia bateu as tres badaladas de adoração á Senhora, ao meio dia. Toda aquella gente dispersa pelas terras, se descobriu, ouvindo se em toda a extensão do campo, como um accordo vibrado n'uma harpa divina, um sussurrar ligeiro de orações, enternecedor e suave, mystico e grandioso. Avé, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...

E para a cadencia, para a magestade de todo aquelle hymno da natureza effervescente, seriam necessarias as lagrimas, os soluços dos pobres paes que apertavam nos braços o cadaver, ainda quente, da filhinha morta?

Deus é que sabe! Deus é que sabe!

E o padre, talvez pensando n'isto, conservou-se descoberto, por algum tempo mais, olhando o céu diaphano e puro.

Parecia seguir a alma da creança, o velho prior...

em Paris, ao muito rev. sr. ouvidor e vigário da dita matriz d'esta cidade, foi baptisado na referida freguezia de Santa Catharina, aos 30 de julho de 1705, achando-se já em 1730 estabelecido n'esta ilha, como verifiquei de um termo de casamento em que interveio como testemunha. O motivo que trouxe a esta ilha D. Antonia Margarida Garrett, sua mulher, é ignorado.

José Ferreira da Silva era mercador e residia n'esta então villa da Horta, no sitio do Paul, hoje largo do Bispo D. Alexandre. seu filho. Falleceu a 18 de maio de 1753 com 48 annos de idade. Sua mulher D. Antonia Margarida, ainda vivia n'esta ilha em agosto de 1768, epoca em que falleceu sua filha Ignacia, como se verifica do termo de obito.

D'este matrimonio houve os seguintes filhos:

1.º Alexandre José da Silva, depois D. Fr. Alexandre de Sacra Familia, nasceu a 22 de maio e foi baptisado a 2 de junho de 1737. Tendo 9 annos foi padrinho de seu irmão Antonio, que falleceu de tenra idade, e com 15 annos foi igualmente padrinho de seu irmão Thomas. Eleito bispo de Malaca a 24 de outubro de 1781, passou a bispo de Angra, de cuja diocese tomou posse em 1816 e falleceu a 22 de abril de 1818.

2.º Anna Rosa, nasceu a 2 e foi baptisada a 9 de setembro de 1738. Foi madrinha de seu irmão Antonio Bernardo da Silva Garrett, pae do visconde de Almeida Garrett.

3.º Bernardo, nasceu a 9 e foi baptisado a 18 de agosto de 1740.

4.º Padre Manuel Ignacio, arceidiago da Sé de Angra, nasceu a 1 de janeiro e foi baptisado a 5 de fevereiro de 1742.

5.º Josepha, nasceu a 12 e foi baptisada a 29 de junho de 1743.

6.º Antonio, nasceu a 13 e foi baptisado a 20 de julho de 1746, fallecendo de tenra idade.

7.º Antonio Bernardo da Silva Garrett, nasceu a 10 e foi bapti-

1751. Tendo 16 annos de idade, falleceu na mesma parochia, estando em companhia de sua mãe, a 20 de agosto de 1768.

9.º Thomas, nasceu a 9 e foi baptisado a 18 de janeiro de 1753. Do 2.º, 3.º, 5.º e 9.º nada mais consta.

E o segundo individuo da mesma familia estabelecido n'esta ilha, foi Antonio Bernardo Garrett, irmão d'aquella D. Antonia Margarida Garrett, natural da mesma parochia de S. Martinho, de Ma-



ACORES — Na bahia da Horta — Ilha do Fayal

drig, filho tambem do dito capitão D. Bernardo Garrett e de D. Angela Maria Viissinaro. Em 1740 estava n'esta ilha, como consta do termo de baptismo de seu sobrinho Antonio Bernardo da Silva Garrett, de quem foi padrinho.

Casou na mesma parochia do Santissimo Salvador da Horta aos 17 de fevereiro de 1753, com D. Barbara Francisca de S. José, natural da cidade de Angra, filha do ajudante João da Silva Carvalho,

natural da freguezia de S. Miguel de Milharado, conce lho de Mafra, e de sua mulher Lourença da Ascensão, da freguezia da Sé de Angra, estabelecida n'esta então villa da Horta. Lourença da Ascensão falleceu com 40 annos a 10 de janeiro de 1740 e seu marido João da Silva Carvalho, com 50 annos, falleceu a 21 de junho de 1707.

Antonio Bernardo Garrett e sua mulher D. Barbara Francisca de S. José, testaram de mão commum, instituindo-se herdeiros um do outro, por não terem filhos, fallecendo sua mulher a 23 de junho de 1780. Sobreviveu-lhe seu marido que residia n'esta ilha.

Não constam, porém, do dito archivo parochial os obitos de D. Antonia Margarida Garrett e irmão Antonio Bernardo Garrett, nem tão pouco pelo appellido ha na ilha representantes seus.

É provavel que as elevadas posições de D. Fr. Alexandre de Sacra Familia, bispo de Malaca, e seu irmão Padre Manuel Ignacio, arceidiago da Sé de Angra, chamassem para fóra da ilha a mãe e mais parentes que então, pelo menos até 1780, existiam aqui.

O referido sr. Antonio de Portugal de Horta apresenta como ir-



ACORES — A cidade da Horta — A bahia — Ilha do Fayal

sado a 18 de agosto de 1740. Foram padrinhos seu tio Antonio Bernardo Garrett e sua irmã Anna Rosa. Passou ao continente, onde casou com D. Anna Augusta de Almeida Garrett, de cujo matrimonio nasceu no Porto o notavel poeta Almeida Garrett.

8.º Ignacia, nasceu a 15 e foi baptisada a 24 de novembro de

mão do bispo D. Alexandre um padre Ignacio, que diz ter sido conego da Sé de Angra; porém os termos de baptismo apenas accusam aquelles nove filhos do casamento de D. Antonia Margarida Garrett; nem se pôde presumir pelas datas proximas aos nascimentos entre uns e outros e a morte do seu progenitor que houvesse um outro; a não ser que o dito conego fosse um dos filhos, Bernardo ou Thomaz, que a tradioção tenha confundido.

Fayal, 1903.

JOSÉ CANDIDO DA SILVEIRA AVELLAR.



O vapor «ACOR»



## PENSAMENTOS

A consciencia do homem todo entregue ás suas paixões, é como a voz do naufrago coberta pela tempestade.

~~~~~

Os imbecis e os máns odeiam os homens d'espirito. Os máns dizem que os homens d'espirito são uns imbecis, e os imbecis dizem que os homens d'espirito são máns.

~~~~~

Por muito sol que haja n'uma intelligencia, ha sempre recantos que ficam na sombra.

~~~~~

As epochas de decadencia multiplicam este singular contraste d'uma bella intelligencia e d'um caracter vil.

~~~~~

Amamos muito a justiça e muito pouco os homens justos.

~~~~~

Ha almas estereis onde nada germina, nem virtudes, nem vicios.

~~~~~

O que é a experiencia? uma pobre cabana construida com os restos d'estes palacios d'ouro e de marmore que se chamam as nossas illusões.

~~~~~

«Enterrado vivo!...» Quantas medidas se não tomam para evitar um tal perigo? Mas ha almas enterradas vivas, corações enterrados vivos, intelligencias enterradas vivas, e quem é que pensa em tal?...

PADRE JOSEPH ROUX.



AÇORES — Um pastor da ilha de S. Jorge

## Parenthesis de Luz

Quando ella passa, timida, hesitante,  
Banhada a fronte num clarão bemdito,  
Vem até mim um êcco murmurante,  
Que não é deste mundo, em que eu habito.

Ao fulgôr do seu palido semblante  
Sinto na alma como um infinito,  
Meu doido coração, amplo e gigante  
Surge das trevas em que jaz proscripto.

Quando ella passa timida, — a meu lado  
Todo o aroma do candido passado  
Palpita e brilha, rapido, fugace,

E as aves choram tristes e saudosas  
De quando vinham surprehender as rosas  
Que lhe eu traçava no palôr da face...

Porto, 9 de abril, 83

JOAQUIM DE ARAUJO.



## Notas sobre as mulheres

A opinião publica lança a deshonra sobre os maridos, por causa das faltas praticadas pelas mulheres. — O pobre marido é como esta creança que tinha sido dada por companheira d'um principe, e a quem batiam quando o principe não sabia a lição.

~~~~~

Com imaginação e obstaculos, pode-se sempre adorar uma mulher; não é tão facil saber-a amar.

~~~~~

Deve-se julgar a belleza, não pelas proporções mathematicas do corpo e do rosto, mas pelo effeito que ella produz.

ALPHONSE KARR.



AÇORES — A aldeia de S. Matheus — Ilha do Pico



Enquanto elles, porém, não apparecem, enquanto os *completos* dos jornaes não trazem o sello de patriotismo, o qual patriotismo desafoga a maior parte das vezes em reparos tão violentos e censuras tão asperas que mais parece virem de um inimigo pessoal que de um critico de arte, enquanto os nomes portuguezes não deixarem nos cartazes os seus logares de traductores para serem substituidos pelos de auctores, vamo-nos hão occupando, por esta columna, do que de novo nos aoe exhibindo o theatro ou em companhias estrangeiras ou em peças estrangeiras tambem, adaptadas á scena portugueza.

D'estas a que constituiu espectáculo deveras sensacional foi a famosa peça de Sudermann, *Magda*, bem nosa conhecida pela interpretação que lhe tem dado artistas celebres. Com ella se deu já o caso curioso de a representarem na mesma noite em dois theatros de Lisboa duas das maiores celebridades contemporaneas: a Sarah Bernhardt e o Novelli. Simplemente se viamo o grande actor, em plena integridade do seu talento artistico, fazer do coronel Schwartze uma das suas mais poderosas creações, parecia nos que para elle fóra escripta a peça, ou antes, que esse velho coronel era a figura culminante, deante da qual se apagavam todas as outras. Mas, do D. Amelia davamos um salto a S. Carlos, e aquella *Magda* feita pela grande Sarah de tal fórma se apossou do nosso espirito, dos nossos olhos e de toda a nosa emotividade, que só a viamo a ella, passando logo o coronel para um plano inferior.

Ora é justo confessal-o e, apesar de não vir em segunda mão esta observação meramente pessoal, não me costeará decerto que foi o theatro de **D. Amelia** que nos deu agora a representação da *Magda* — principalmente na interpretação das suas duas grandes figuras — mais igual, mais harmonica, e, portanto, mais bella.

Todas as attentões, todo o interesse de ver, de ouvir, de confrontar, iam, digámo-lo assim, dispostos de antemão a convergir sobre Lucilla Simões. A unica actriz portugueza que podia hoje fazer aquelle papel era ella. Mas que responsabilidade! Responsabilidade que final de contas advém sempre d'esta necessidade imperiosa, espirital, quasi nervosa, de confrontar — por mais que queiram afastal-a ou negal-a. E então, que recordações! E então, que confronto! A Sarah Bernhardt e a Duse! Isto é, as duas maiores actrices da Europa!

Pois d'essa responsabilidade tremenda saiu-se á maravilha Lucilla Simões.

Vendo a entrar em scena, a impressão que se recebeu logo foi — que ella vinha muito resolvida a não ficar na retaguarda das suas antecessoras celebres. E a preocupação que trazia em *époque*, em deslumbrar pelos fulgores da plasticidade das pedras finas e da *toilette* cara, era a mesma que logo se lhe notava de sublimar e areolar com requintes e primores de arte a sua interpretação da *Magda*. Pois se algum reparo merece o trabalho da nosa gentil artista é exactamente este: o excesso d'esta preocupação.

A arte só é perfeita, só attinge o ideal — se elle alguma vez pôde ser attingido — quando se exhibe na sua simplicidade suprema, tendo conseguido o poder de desviar de occultar todas as linhas que a movem, todas as fielleas, d'onde originariamente partiu, para attingir essa simplicidade extrema, que chega a dar a suggestão de que é a vida que copia a arte, e não a arte que copia a vida.

se-ia que estão tonando o folego as principais figuras da nosa litteratura dramatica. Nos cartazes appareceu um d'esses nomes apenas, o do sr. Marcelino de Mesquita, e contudo sabe-se de antemão que as asperas do inverno d'este anno serão combatidas e atenuadas pela musa dramatica de D. João da Camara, creio que de Lopes de Mendonça tambem, de Schwalbach, de Julio Dantas, dos que marcam, dos que tem no theatro nacional o seu lugar de honra.

Pinheiro Chagas, em um dos seus arrebatamentos oratorios, uma noite inemoravel, no palco de S. Carlos, em frente da rainha a sr.ª D. Maria Pia, fazendo a apologia da Italia artistica, da Italia dos esculptores, disse estas bellas palavras: "grande e formoso paiz, onde se não sabe se é a mulher que copia a estatua, se é a estatua que copia a mulher."

E n'esta formula eloquente o orador traduzia e fixava uma verdade applicavel a todas as artes. Essa simplicidade conquistada não raro á custa de esforços e de luctas fez de João de Deus o nosso maior poeta, de Eça de Queiroz o nosso maior prosador, como faz de Teixeira Lopes o esculptor por excellencia, e fez de Silva Porto o mestre querido na arte de pintar. Taborada é o artista que no theatro portuguez attingiu essa feição suprema, como, por outros processos, a attingiu em França a Réjane.

Use acaia artista, em qualquer ramo de arte, os processos que entender. Para conseguir este producto sublime: a simplicidade, empregue quantos factores lhe aprouver, na certeza de que se a não attingir, a individualidade que erie seria incompleta, ephemera, por maior talento que tenha.

Vencido o defeito de pôr muito á superficie, de puxar de mais á fieira, os processos de que se serve para conquistar o triumpho, Lucilla será uma grande actriz. Não lhe falta para isso nenhuma das condições exigidas. E nova, tem talento, é formosa; a arte, por assim dizer, bebeu-a no leite, n'um meio de arte lhe corre a mocidade, nas lições, nos conselhos de mãe, uma artista eminente lhe abriu o caminho, nenhum absurdo orgulho lhe tem feito rejeitar opiniões sinceras, o que tem contribuido para progressos constantes e visiveis, tudo parece lança-la na conquista do logar ambicionado — o mais alto, o primeiro. Faltal-a mais? Faltal-pouco? Na arte um nada é tudo. Como a divisoira entre o genio e a locura é um ponto que se torna invisivel, assim na arte é imperceptivel, impalpavel, por delicado, por diaphano, o ponto que separa o vulgar do sublime.

Lucilla Simões tem de limal-o, de quebrar-lhe as arestas, de dulcificar, de simplificar, em summa, os seus processos. Precisa ser mais singela, para ser maior. Tem de pretender menos para valer mais. O seu desempenho da *Magda* exemplifica, á farta, esta asserção.

Ella faz com grande brilho a sua entrada, ella diz deliciosamente, tem gestos, curvas, donaires, que revelam estudo e previsão do *sucesso*, na situação capital do 3.º acto eleva-se a uma altura que muitas actrices de valor injerariam, em toda a peça de Sudermann ostentam-se as suas qualidades brilhantes, e o publico applaude-as com sinceridade, e palmas coloradas esmaltam o seu triumpho, mas... vamos apostar que ella, no fundo da sua consciencia artistica, sente uma falta, o que quer que seja que possa classificar-se de peccado artistico. Sente fortemente, ao lembrar-se das grandes interpretes da *Magda*, que se o seu esforço figurasse menos, o seu exito seria maior, seria a sua victoria um sol sem manchas. Revelar menos trabalho é uma questão de trabalho. E com trabalho e talento consegue-se tudo.

Nota corral todas as qualidades superiores de Augusto Rosa se confirmam. Deu um typo, e nem n'um gesto ou n'uma intenção desvirtuou a linha que seguiu e que estudou a fundo.

Grave, severo, caracter contradictorio, caracterisção perfeita, tambem no grande actor seria perfeita a interpretação, e a criação de Sudermann teria no theatro portuguez um interprete irreprebensivel, se não houvesse um forte destaque entre a voz forte, vibrante, e a idade já avançada, e a longa barba branca do velho milita.

Não tem a responsabilidade d'estes os outros personagens, a que deram interpretação correcta Joseph de Oliveira, accentuando todavia excessivamente a feição comica do papel, Pinheiro, que devia dar mais relevo á linha do pastor, Augusto Antunes, um general que daria tom ao exercito portuguez, Carlos d'Oliveira, um conselheiro que nem nas occasiões difíceis perde a gravidade, e outros ainda que muito contribuíram para o exito da *Magda*.

N'elle entrou com uma boa parte o sr. Pedro Videiro, que nos esmeros da traducção confirmou a sua competencia, ha muito revelada em coisas de theatro.

JAYNE VICTOR.





# BRASIL—PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editores  
Largo do Conde Barão, 30

Paginas supplementares: Off.ª Estação Naves & F.ª  
Rua d'Assumpção, 15 & 14

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorrô Tavares

Secretario da redacção — João Costa

Editor — Luiz Antonio Sanchez

Redacção e administração — C. do Sacramento, 14, 3.ª

End. telegraphica — BRATUGAL — LISBOA

## ASSIGNATURAS

| ESTADOS UNIDOS DO BRASIL               |       | PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA | ESTRANGEIRO         |
|----------------------------------------|-------|---------------------------|---------------------|
| Anno .....                             | 36000 | Anno .....                | 33000               |
| Numero avulso [Moeda brasileira] ..... | 20000 | 6 meses .....             | 22000               |
|                                        |       | 3 meses .....             | 12500               |
|                                        |       | Numero avulso .....       | 3500                |
|                                        |       |                           | Anno .....          |
|                                        |       |                           | 6 meses .....       |
|                                        |       |                           | Numero avulso ..... |

## SUMMARIO

### TEXTO

*Chronica* — BARBOSA COLÉN.  
*Eça de Queiroz e a sua obra* — Discurso de Ramalho Ortigão.  
*A inauguração da Estátua*.  
*Pensamentos* — ALF. KARL.  
*aphroditis* — ALBERTO D'OLIVEIRA.  
*Política Internacional* — CONSIGLIERI PEDROSO.  
*De Lisboa as Ilhas* — LORRÔ TAVARES.  
*Meio 'Dia* — ALFREDO SEBRANO.  
*Almeida Garrett* — JOSÉ CANDIDO DA SILVEIRA AVELLAR.  
*Pensamentos* — P.ª JOSEPH ROUX.  
*Parenthesis de Luz* — JOAQUIM D'ARAÚJO.  
*Theatros* — JAYME VICTOR.

### GRAVURAS

A ESTATUA DE EÇA DE QUEIROZ.  
EÇA DE QUEIROZ.  
ANTES DA CERIMONIA.  
TEIXEIRA LOPES.  
O ACTOR FERREIRA DA SILVA.  
A VIUVA E FILHOS DE EÇA DE QUEIROZ.  
O CONDE DE ARNOSO.  
RAMALHO ORTIGÃO.  
ANTONIO CANDIDO.  
LUIZ DE MAGALHÃES.  
O ESTUDANTE ANIBAL SOARES.  
O BRINDE A AUGUSTO DE CASTILHO.  
ITALIA VITALIANO.

EÇA DE QUEIROZ (Últimos retoques).  
PONTO DE SANTA CRUZ — Gravura.  
PONTO DA HORTA — Fayal.  
O PICO COBERTO DE NEVE.  
NO PILAR — Fayal.  
O PICO — Outro aspecto.  
CAES DAS VELAS — S. Jorge.  
VILLA DE SANTA CRUZ — Gravura.  
RIBEIRA DOS FLAMENGOS — Fayal.  
ILHA DO PICO.  
AS VELAS — S. Jorge.  
BAIHA DA HORTA — Fayal.  
O VAPOR AÇOR.  
UM PASTOR — S. Jorge.  
S. MATHEUS — Ilha do Pico.

### 28 Illustrações

### OS NOSSOS CORRESPONDENTES

#### No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Charly, 10

#### Na India

NOVA GOA — Antonio M. de Cunha — Casa Luso Francesa — Rua Alfonso de Albuquerque

#### No Brasil

RIO DE JANEIRO — (Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodilo Pape de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alameda, 4, sotão).  
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira — Rua Primeiro de Março 14.  
PELOTAS, PORTO ALEGRE e RIO GRANDE DO SUL — Piatos & C.ª — (Livreria Americana)

CAMPOS — Santos Moreira & C.ª — Estado do Rio de Janeiro  
PARA — J. B. dos Santos — (Livreria Classica) — Rua João Alfredo, 50.  
MANGUÁ — Jayme de Camara — Livreria Classica — Rua Guilherme Moreira.  
MARIANHO — Roberto Majoli Caixa do Correio n.º 4.  
BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães) — Rua Liberta do Palácio, 35.  
VICTORIA — Estado do Espirito Santo — Guimarães de Gostho — E. da Alameda, 15.  
S. PAULO — Alves, Junks & C.ª.  
SANTOS — Zepherino Lourenço Martins, vice-consul de Portugal.  
AMPARO — Dr. João Guedes, Rua do Capitão Miranda, 8.  
RIBEIRÃO PRETO — A. Viança Pinto de Sousa, vice-consul de Portugal.  
RIO SOLIMÕES — J. C. Mesquita (Casa Anderson) — Manaus.

#### Em Africa

MOÇAMBIQUE — Diogo de Faria.  
BEIRA — Antonio Francisco e outro.  
MORRUMBO — José Joaquim Teixeira e Assumpção.  
QUEILIMANE — Henri José Jorge de S. N. Ivan.  
BENQUILLA — Mathias de Moraes.  
LOURENÇO MARQUEZ — D. Bento, do Hattor da Silveira de Lorenna.  
S. THOME — L. A. B. Alves Mendes

## ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

MAGNIFICO SORTIMENTO DE FAZENDAS NACIONALES E ESTRANGEIRAS

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

**Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho**

FORNECEDORES DA CASA REAL

**J. NUNES CORRÊA & C.ª**

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 162, 164 e 166 — LISBOA

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Preparamos em bom e maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mecatnico para confecção de uniformes. Garantia em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preço.

Provem os preciosos vinhos de Adriano Ramos Pinto

Os mais puros e genuínos vinhos do mundo

DA

ANTIGA E UNIVERSALMENTE ACREDITADA CASA

**Ferreirinha**

de PORTO e REGOA

(FUNDADA EM 1751)

VINHOS VELHOS DE 1812 E 1815

(reserva especial)

Recomendados pelos Srs. médicos para os anémicos,  
dyspepticos, doentes e convalescentes

VINHOS ADAMADOS

Bastardo, Malvasia e Moscatel

muito apreciados por todas as senhoras

Marcas para o commercio

Vesuvio -- Ferreirinha -- Cruzeiro -- Nogueiras e Cosmopolita

A venda em todas as Confeitarias, Hoteis, Boteguins,  
Armazens e Vendas

Deposito — RUA 1.ª DE MARÇO, N.º 17 — RIO DE JANEIRO  
FONSECA & SA

SAQUES sobre Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia,  
Paris e Londres

**MANTEIGA AÇORIANA**

Premiada com a MEDALHA DE OIRO na  
Exposição do Porto Delgado em 1901



Premiada com a MEDALHA DE OIRO na  
Exposição do Porto Delgado em 1901

Fabrica nos Altares, Angra, Doze Ribeiras, Fontainhas  
e Villa Nova

Manteiga de vacca "ALTARES," (marca  
registada).

Em latas de 1/2, 1, 5 e 10 kilos

Queijos nacionaes e estrangeiros. — Queijo Estrella.

Alfredo de Mendonça & C.ª

Angra do Heroismo — Ilha Terceira — Açores

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confecções

Com atelier de modista e alfayate

— ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCA —

Rua do Carmo, 68a72 —quina das escadinhas do S.ª Justa

**H. PARRY & SON**

Constracção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

OBRAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

**HOTEL INTERNACIONAL**

Proprietario—MANUEL ANTONIO ALVES

RUA DA CARREIRA, 48

Primeiro hotel portuguez

FUNDAL-MADEIRA

Este esplendido hotel, situado no centro da cidade, a 4 minutos do  
caes, tem excellentes accommodações para hospedes e tratamento de pri-  
meira ordem. Comida no jardim. É illuminado a luz electrica. Tem ma-  
gnifica vista para o mar e terra, e fica pouco distante do Jardim Publico.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA

A VAPOR

DE

**José Maria Pereira Junior**

COMPLETO SORTIMENTO

DE

**Madeiras e Materiaes**

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA LAVR DIO, 33

RIO DE JANEIRO

# VINHO ROMARIZ

Casa fundada em 1850  
As melhores marcas dos afamados vinhos do

## PORTO

Nº 1 Especial "1834"

E

SANTO ANTONIO

## VINHO VERDE

### GATÃO

Marcado com um gato no centro  
do tampo do barril com o nome

A. R. ROMARIZ & F.<sup>OS</sup>

Registada desde 1896 no Porto e Rio de Janeiro

A. R. ROMARIZ & F.<sup>OS</sup>

VILLA NOVA DE GAYA — PORTO



## VINHOS VELHOS

### LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1873

PORTO  
REGISTRADA  
MARCA DE COMMERÇIO

ANTIGA CASA

## João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem  
ser considerados genuínos e authenticos, quando tive-  
rem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos,  
a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO



## JULIO LIMA & C.<sup>A</sup>



### FABRICANTES DE CHAPEUS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. teleg. — JULIMA.

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1897 — Ocupa a área de 12.000 metros quadrados

MACHINISMOS MODERNOS E APERFEIÇOADOS

Os seus productos rivalisam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica, foi distinguida com o

### Diploma de Honra

O mais distincto de todos os premios

na Exposição Artistico-Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Absteece os principaes mercados do paiz.

## The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.



Viagens rapidas para o Brasil e portos do Pacifico. Carreira quin-  
zenal (as quartas feiras alternadas. Grandes paquetes, luz  
electrica, luxo e todas as commodidades. Preços  
modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Mon-  
tevideu, Valparaíso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pla-  
lice e Liverpool.

**CAMISARIA DA MODA**  
DE  
**Felix de Mello & Com.<sup>ta</sup>**  
Rua de Santo Antonio, 66  
PORTO

Completo sortimento de roupas brancas  
para homem e senhora.  
Especialidade em gravataria.  
Enxovas para casamento.

**JOSÉ CLAUDIO DE SOUZA**  
Agência da TINTURARIA CAMBOURNAC, de Lisboa  
E DA  
MANUFACTURE FRANÇAISE D'ARMES DE SAINT ÉTIENNE  
Estabelecimento de quinquilharias  
VENDA A RETALHO E POR ATACADO  
Agência da REVISTA ILUSTRADA  
**BRASIL-PORTUGAL**

Encarrega-se de tomar assignaturas para todas as publicações nacionaes e estrangeiras.

Rua Nova da Matriz, 7 e 9  
Ilha de S. Miguel (Açores) PONTA DELGADA

**FONSECAS, SANTOS & VIANNA**  
**BANQUEIROS**  
R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 100  
← LISBOA →  
SOCIOS:  
Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna  
e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, accções de bancos e companhias. Tomam e saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem generos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão.

Compagnie des Messageries Maritimes  
Paquebots poste français  
Linha Transatlantica



Para Dakar, Pernambuco, Bahia,  
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo  
e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe podem dirigir-se a OREY ANTUNES & C<sup>as</sup>, Praça dos Remolares.

4.ª e 1.ª passageiros, carga e todas as informações trata-se na Agência da Companhia — 37, Rua Aurea.

Os agentes, SOCIEDADE TORLADIS

**Companhia Trasatlantica de Barcelona**



**LINHA DE FILIPINAS**

Saídas de Lisboa de 4 em 4 semanas, com serviço de mercadorias e passageiros para Foz-Saia, Adem, Colombo, Batavia, Bombaim, Buslure, Calcutta, Krago, Hong-Kong, Kurrachee, Manila, Saigou, Shanghai, Sidney, Singapore, Suez, Iokohama e outros portos de Asia e Oceania. — Passageiros para Macau.

Serviço de mercadorias e passageiros de Liverpool para Lisboa. Passageiros para Cadiz, Cartagena, Valencia e Barcelona, e com transborda em Cadiz para Tanger, Gibraltar, as Antilhas (Cuba e Porto-Rico), Veracruz, New-York, Montevideo e Buenos Ayres.

Para carga e passagens trata-se com

Os agentes,

**Henry Burnay & C<sup>as</sup>**

LISBOA — Rua dos Paquetaes, 10, 1.º

**Deposito Sanguinhal**  
Vinhos tintos e brancos  
DO  
**SANGUINHAL**  
Os melhores vinhos de meza  
**VINHOS**  
DO  
**Porto e Madeira**  
Cognac,  
Champagne,  
Licores, etc.

129 — RUA DO ALECRIM — 131  
Telephono N. 129

**Empreza Nacional de Navegação**



Itinerario das carreiras para a Costa  
occidental e oriental d'África

SAHDAS — Dia 6: Para Madeira S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Ambriz, Loanda Novo Redondo, Benguela e Mossamedes.

Dia 12: S. Thomé, Loanda, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.

Dia 21: S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrizete, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguela, e Mossamedes.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa, Rua da Prata, 8, 1.º

**BANCO NACIONAL**  
**ULTRAMARINO**

Sociedade de anonyma  
de responsabilidade limitada

SÉDE EM LISBOA

49 — RUA NOVA D'EL-REI — 74

**ULTRAMAR**

Caixas Filiaes

S. Thiago de Cabo Verde — S. Thomé — Loanda — Benguela — Lourenço Marques — Nova Goa.

**AGENCÍAS**

S. Vicente de Cabo Verde — Bolama — Mossamedes — Quelimant — Inhambane — Moçambique — Macau.

**LA UNION Y EL PENIX ESPAÑOL**  
Capital social 2.000.000.000 réis  
19.000.000.000  
Fundada em 1864 até 1869  
PRIMUS E. ROSSETTI  
de paço de D. João  
Banco de credito e de seguros

Equivalente Atlantique & Union Maritime  
de credito e de seguros  
e de transpôrta de passageiros e mercadorias  
Directores — Lima Haré & Filhos  
LISBOA — Rua da Prata, 59, 2.º

**ALFAYATERIA "CONFIANÇA"**

R. dos Paquetaes, 101, 1.º

**JAYME PIRES & COM.<sup>ta</sup>**

Fazendas nacionaes e estrangeiras.  
Confecções para homens, senhas, e creanças. Fardamentos militares e todos os uniformes.

**Preços resumidos**

Fabos completos pretos, azuis e em cores, de

65000 x 20000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

15000 x 20000

Escotidos sortimento em sobretudos,

Double-capas e varinas d'Avôiro.

Capas á espanhola, fábria especial de nossa casa, de

15000 x 20000



**EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO**

Para **Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Vellas) Caes do Pico e Fayal.**

Sae o vapor **FUNCHAL**, comandante Antonio Xavier de Andrade, no dia 20 de outubro ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes — Caes do Sodré, 84, 2.º

Germano Serô Armador.

**MALA REAL INGLEZA**

ROYAL MAIL  
STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

**BRASIL E RIO DA PRATA**

Pelos magnificos vapores  
d'esta antiga Companhia

Prestan-se todas as informações

na rua d'El-Rei, 31.]

OS AGENTES

**JAMES RAWES & C<sup>as</sup>**

# Antonio Constancio Vieira

## GRANDE ARMAZEM

Importação das principaes praças da Europa e America

### VENDAS POR ATACADO E A RETALHO

Ferragens, mobílias, calçado, fatos, camas, cofres, fogões, louças, oleados, lonas, encerados, artigos esmaltados, vidro em chapa, em obra, bombas, correias para machinas, estanho, ferro, chumbo, latão, cobre, folha, cordas, cabo para navios, moinhos para fazer farinha, para descasca de arroz, oleo de machinas, de pintura, tintas, vernizes, ferramenta de serralheiro e carpinteiro, papelaria, artigos de escritorio e espingardas

### CARTUCHAME

Martin, Henry, kunet ford, fogo central, polvora, batas, chumbo, machinas para cartuchos

### BEIRA E MACEQUECE AFRICA ORIENTAL

Endereço telegraphico: VIEIRA — BEIRA

Caixa postal n.º 53

#### Eu era assim



Cheguei a ficar quasi assim



*Soffria horrivelmente dos pulmões; mas graças ao XAROPE PEITORAL DE ALCATRÃO E JATANY, preparado pelo pharmaceutico Honorio do Prado, o mais poderoso remedio contra tosses, bronchites, asthma, rouquidão e coqueluche,*

Consegui ficar assim



Completamente curado e bonito

#### Honorio do Prado

115, RUA DO LAVRADIO, 115

DEPOSITO: — Drogaria PACHECO & C. — ANDRADAS, 89

VIDRO 2\$000 RÉIS

MARCA REGISTRADA Rio de Janeiro.

#### Manoel de Azevedo e Mello

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

AGENTE E DEPOSITARIO das

**AGUAS**

DE

**LAMBARY E CAMBUQUIRA**

Rua da Alfandega, 62.

**RIO DE JANEIRO.**

Os bons flambres, as boas mortadellas, Tudo o que mata o mais feroz jejum, Os bons vinhos de Rheno, ou de Bucellas, Whisky, Kyrsh, Cognac, Old-Tom, Rhum.

Salchichas, trufas, *petit-pois*, sardellas, Lagostas e salmão, ostras e atum, Isto tudo se encontra a fartadellas A' rua Ourives, no sessenta e um.

Desde o melhor Bourgogne ao paraty, Tudo que em vida de melhor consomes, Encontra's sempre com certeza ali.

Não é filial de casa alguma, ouví! E' simplesmente o bom Avilla Gomes Ex-gerente da antiga Casa Henry.

**Rio de Janeiro**

ÁGUAS  
MINERAES  
NATURAES  
DE  
LAMBARY  
e  
CAMBUQUIRA  
DEPOSITO  
RUA ALFANDEGA 52  
RIO DE JANEIRO

LAMBARY



CAMBUQUIRA



Estabelecimento de banhos em Lambary



## BANCO LUSITANO

Sociedade anónima  
de responsabilidade limit. 11  
CAPITAL 800.000.000 REIS

Faz operações bancarias  
nos seus  
variados ramos

Sede em Lisboa

Rua d'El-Rei, 85

## LIVRARIA COLLEGIAL E ACADEMICA DE PEDRO DES. MAGALHÃES

Completo sortimento de livros em todas as linguas  
e sobre todos os conhecimentos humanos

Papelaria, livros em branco e objectos para escriptorio

29, Rua do Commercio, 29

CAIXA POSTAL, 103

S. PAULO-BRAZIL

## PHARMACIA ASSIS

PHARMACEUTICO

C. de Assis Ribeiro

Completo sortimento de drogas,  
productos chimicos e pharmaceuticos,  
pelos preços das drogas

Rua 15 de Novembro, 2

S. PAULO

## Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2% de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 5 1/2% e commissão de 1/8 1/2% de 1 a 9 annos. Depósitos: accoitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2% á ordem e 3 1/2% ao prazo de 3 mezes; 3 1/2% a 6 e 4 1/2% ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que re olve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



## HOTEL

DOS

## ESTRANGEIROS

PRAÇA JOSÉ DE ALENCAR

O primeiro do

Rio de Janeiro.

◀ LAEMMERT & C. — Livreiros-Editores — RIO DE JANEIRO, Ouvidor, 66 — S. PAULO, 15 de novembro, 32 ▶

Acaba de sahir á luz: — **PLATEN** — O NOVO METHODO DE CURAR

Manual de hygiene, regras de vida, preservação de saude e cura de molestias sem auxilio de drogas. Thesouro de familia e guia dos doentes e das pessoas que gosam saude, contendo 432 gravuras em madeira, 17 estampas coloridas; 3 estampas anatomicas coloridas, cada qual representando os diversos orgaos superpostos, podendo-se separar, á vontade, (Naris, Ouvido, Boca, Vista, Cabeça, Modelo anatomico do corpo do homem, Modelo anatomico do corpo da mulher com os orgaos durante a gravidez).

3 grossos volumes de cerca de 1500 paginas, impressos com esmero, encadernados em percaline com titulo artistico estampado em ouro e cinco odres.

PREÇO..... 40\$000

Obra indispensavel em toda a casa de familia, ensina em linguagem clara e ao alcance de todo e



mundo como se evitam as molestias—Como se curam as doencas—Como se restabelece a saude—Como se tratam os accidentes—O que se deve comer, beber e evitar—Como deve ser nossa roupa e nossa moradia—O cuidado que devemos dar á pelle, ao cabello, aos olhos, ao ouvido, ao nariz, aos dentes, etc.—esta obra põe o leitor ao par de todas as minuciosidades da Estrutura do corpo humano e dedica particular attenção ás Molestias das mulheres e das crianças. Encerra capitulos exhaustivos sobre Hydrotherapia, Massagem, Electricidade, Hypnotismo, Exercicios de Gymnastica Hygienica, etc.

O numero enorme e admiravel de informacoes concernentes ao corpo e suas funcoes durante a saude e a molestia tornam a obra de PLATEN a mais completo MANUAL para o tratamento e cura das molestias.

Envia-se gratis o PROSPECTO ILLUSTRADO a quem o pedir.

# EMPRESA DAS AGUAS DE VIDAGO

— AS MAIS AFAMADAS DA EUROPA —

Premiadas com medalha de ouro em todas as exposições nacionais e estrangeiras a que tem concorrido

FONTES EXPLORADAS: VIDAGO, OURA, VILLA VERDE E SABROZO

**FONTE VIDAGO:** É inconfundível. É a agua alcalina mais rica e de maior fama da península.

Eficacissima em todos os padecimentos de estomago, fígado e rins.

**FONTE DE VILLA VERDE:** Riquissima com nenhuma outra, em acido carbonico, eliminando-se pelas vias urinares, combate e evita eficazmente a produção da gravella branca ou phantasia.

**FONTE DE OURA:** Riquissima em bicarbonato de ferro, arsenical e phosphatada, tem excepcionaes qualidades reconstituintes, estimulando o organismo e melhorando a nutrição. É infallivel na cura das nevralgias mensuradas.

**FONTE DE SABROZO:** A rainha das aguas de mesa em Portugal e a mais barata. Preço com garrafa: 1/4 de litro, 80 réis; 1/2 litro 120; 1 litro, 160. Descontos de 20 0/0 aos srs. revendedores, desde 25 garrafas.

Esta Empresa põe, de sua conta, em qualquer das estações do Minho e Douro, Companhia Real, Beira Alta e Beira Baixa, Alfarelos e Figueira todas as aguas quando as requisições sejam de duas caixas, ou de ahí para cima.

Para o publico não ser iludido na sua boa fé com aguas de absoluta inferioridade medicinal, exija sempre: «Fonte Vidago, Oura, Villa Verde e Sabrozo».

## Estabelecimento Hydrologico

Magnificos hotels, Encantadoras paisagens. Medico, pharmacia e todas as commodidades proprias d'uma estancia de primeira grandeza.



Abre em 1 de junho e fecha em 30 de setembro

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente — **Vidago**

DEPOSITO GERAL E UNICO NO PORTO

PRACA DE CARLOS ALBERTO, 66 E 68

**ECONOMICA**

Autocizada por decreto do Governo Federal  
n.º 4.474, de 13 de Maio de 1903

**CAPITAL INICIAL: 200.000.000 REIS**

DIRECTORIA:  
Presidente VALENTIM MACALHAES  
Secretario D. DE CARVALHO AZEVEDO

TITULOS DE ACCUMULAÇÃO DE 500.000 REIS  
SORTEIOS MENSUAES

SINDE SOCIAL  
35, Rua Nova do Ouvidor, 35  
Caixa Postal Telephone Rad. Teleg.  
1.843 768 ECH

RIO DE JANEIRO  
Agencias nos Estados

## FECHO DE SEGURANÇA Joaquim Cruz

PRIVILEGIADO PELO GOVERNO BRASILEIRO

Adoptado pela Delegacia Fiscal  
na sua caixa forte

Premiado na exposição agricola, pastoril e industrial de S. Paulo

Este aparelho é destinado a commodos reservados, caixas fortes e especialmente a portas de sahida. Não tem chave nem orificio de especie alguma. Compõe-se de trancas e ferrolhos de ferro e de maçaneta subordinada á caixa do aparelho. Funciona por meio de segredo impenetravel e milhares de vezes mutavel, á vontade do possuidor, ficando a porta fechada com ferrolho e trancas de ferro por dentro.

É portatil de uma para outra casa ou porta, pois tanto os ferrolhos como as trancas tem gradação para diversas alturas e larguras de portas.

UNICOS DEPOSITARIOS

C. P. VIANNA & C.<sup>A</sup>

Rua do Commercio, 11 e 13

S. PAULO



## FABRICA DE TECIDOS DE LÃ E ALGODÃO

**BERGMAN KOWARICK & C.º**

Endereço Teleg.: BERKO—S. Paulo

Estação de S. Bernardo

ESTADO DE S. PAULO—BRASIL

Escritorio — Casa C. P. VIANNA — Rua do Commercio, 11 e 13

**S. PAULO****C. P. VIANNA & C.ª**

Successores da antiga casa J. P. DE CASTRO &amp; C.ª

**IMPORTADORES E COMMISSARIOS**

Unicos agentes no Estado de S. Paulo

DAS

**AGUAS VIRTUOSAS**

DE

**LAMBARY E CABUQUIRA**

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

**LLOYD AMERICANO**

Caixa postal n. 31.—Endereço teleg.:—«VANINA»

Codigo teleg.:—RIBEIRO

Rua do Commercio, n.º 11 e 13  
**S. PAULO—(BRASIL)****COMMISSARIOS DE CAFÉ**

João Jorge, Figueiredo &amp; C.ª



Rua Visconde do Rio Branco n.º 16

Caixa n.º 29

**SANTOS**Toda a correspondencia deve ser dirigida á  
casa matriz, caixa n.º 69.**CAMPINAS**



### CABINETE HYDROTHERAPICO

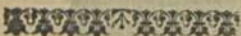
Dr. Mauverria Santos

Médico Especialista / Mauverria Santos  
Sibestre d'Almeida

Instalação hydrotherapica completa; duas salas de banho para homens e senhores, inteiramente a vapor e independentes; gabinete aquecido a electricidade e massageio, massagem e gymnastica medica, dirigidos por C. de Sousa. Tratamento de doencas nervosas e do estomago.

Horario de 9 h da manhã a das 3 da tarde

ENTRADA: CALÇADA DO BUQUE DO  
CALÇADA DA GIGARRA, 10 Lisboa



### HAMBURG-AMERIKA-LINE

HAMBURG-SUDAMERIKANISCHE

DAMPFSCHIFFFAHRTS-GESELLSCHAFT

AGENCIA EM LISBOA

ERNST GEORGE SUCC.<sup>o</sup>

Rua da Prata, 8

Sabidas semanas dos bem conhecidos paquetes Hamburguezes de LISBOA com destino aos portos de PERNAMBUCO, BAHIA, RIO DE JANEIRO e SANTOS.



### HOTEL MICHALENSE

DE

Alfredo Alves de Bettencourt

e de seus passos do cas. O melhor de Angra

Preços modicos

Ilha Terceira — AÇORES — Rua Direita  
ANGRA DO HEROISMO

## GRANADO & C.<sup>a</sup>

Chimicos, Droguistas e Pharmaceuticos  
Rua 1.<sup>o</sup> de Março, 12  
RIO DE JANEIRO



Esta casa recommenda-se pela sua seriedade e pelo escrupuloso cuidado com que preside ao aviamento do seu reccu-tuario.

Além de notoriamente acreditada pelo seu completo sortimento de productos chimicos e pharmaceuticos estrangeiros, de procedencia e legitimidade garantidas, é a casa — GRANADO — geralmente conhecida pela excellencia de seus preparados, manipulados em seu bem montado LABORATORIO, a Rua Visconde do Rio Branco, 27, com o maximo critério e escrupulo, como bem o affirmam innumeros attestados de todas as summidades

do Brasil, merecendo especial menção os seguintes:

Agua inglesa — Creosotal granulado — Kola g anulada — Levurina granulada — Licor Tibaina — Magnesia fluida — Mentholina — Remedio contra a embriaguez — Vinho de noz de Kola — Vinho iodo-tanico — Vinho reconstituinte (com quinium, carne, lacto-phosphato de cal e pepsina glicerizada) — Xarope anti-catarrial (cardus benedictus).

FORNECEM-RE PREÇOS CORRENTES

Rua 1.<sup>o</sup> de Março, 12

Rio de Janeiro

BRASIL

## O jersey de malha russo



Flexivel em todos os sentidos

HYGIENICO

E

ELEGANTE

— Está lá? —

— Se eu estou contente com o Jersey de malha russo? Estou encantada com elle, e nunca mais usarei outra cousa.

Encontra-se nas Casas de Novidades e de rouparia

VENDA POR GROSSO: RENY, BAULEY & C<sup>o</sup>, Troyes

## AGUA DA SERRA DO TRIGO



A Serra do Trigo — Nascentes da agua

A melhor agua de meza das nascentes da Serra do Trigo no bello vale das Furnas, na Ilha de S. MIGUEL-AÇORES, agua incolor gazosa-carbonatada

SEM RIVAL

Machado, Carreiro & Brazil

13 — RUA DA CANEDA — 15

PONTA DELGADA

## AO 1.º BARATEIRO

VARIADO SORTIMENTO  
DE  
MODAS e ARMARINHO



VARIADO SORTIMENTO  
DE  
MODAS e ARMARINHO

ESPECIALIDADE

Roupas brancas para homens, senhoras e crianças

A. F. Rodrigues & C.<sup>a</sup>

74, RUA DOS OURIVES, 76

89, RUA DO ROSARIO, 89

RIO DE JANEIRO

## CASA PAIVA

Completo sortimento em casimiras, fazendas, modas, armário e perfumarias  
TELEPHONE N.º 423

SOUZA OLIVEIRA & C.<sup>IA</sup>

Enxovas para casamentos e baptisados

Rua 15 de Novembro n.º 15 e Thesouro, 1 e 3

São Paulo BRAZIL

## GRANDE DEPOSITO

de encanamentos e aparelhos para agua, gaz e exgottos  
IMPORTAÇÃO DIRECTA

J. SIMÕES &amp; COMP.

com officina para execução de installações  
e todos os trabalhos concernentes ao ramo

Fabrica de fogões economicos  
TRABALHOS DE FUNILARIA, ETC.

Atende-se ás encomendas da capital e do interior  
PREÇOS MODICOS  
RUA DA BOA VISTA, N. 46 - S. PAULO - BRASIL

## Casa BARUEL

S. Paulo

Importação constante de perfumarias,  
sabonetes, pasta e pós dentifricos e todos os artigos  
de TOILETTE



Depositaris exclusivos  
da Agua da Belleza, conhecida em S. Paulo desde 1883  
BARUEL & C.<sup>a</sup>

1, Rua Direita — Largo da Sé, 2

## LIVRARIA ALVES



Importadores de livros e material escolar

RUA DE S. BENTO, 45 — S. PAULO  
(Casa Matriz — Rua do Ouvidor, 134 — RIO DE JANEIRO)

Francisco Alves & C.<sup>a</sup> — Editores

Qual é a razão porque a

# MUTUAL LIFE

Conseguiu, em quinze annos, ter **222 MIL CONTOS** de seguros em vigor na Europa?

Foi devido aos seguintes factos, que ninguem pode contestar:

**A MUTUAL LIFE** é a mais antiga Companhia dos Estados-Unidos, a mais rica e a **mais importante do mundo.**

O seu fundo de garantia pertencente aos segurados é de

**RÉIS 445.841:000\$000**

excedendo em **222 mil contos** o da mais importante companhia da Europa.

A sua receita total desde a sua fundação foi de

**RÉIS 1.319.124:000\$000**

ou mais **266 mil contos** que outra qualquer companhia do mundo.

O capital que pagou aos seus segurados ou accumulou para lhes ser pago, eleva-se a

**RÉIS 1.127.982:000\$000**

mais **244 mil contos** que qualquer outra companhia do mundo.

Os beneficios que já pagou aos segurados

**RÉIS 122.988:000\$000**

ou **43 mil contos** mais que qualquer outra companhia do mundo, é cinco vezes mais que a maior Companhia da Europa.

**A MUTUAL LIFE** possui as tabellas mais vantajosas para os segurados; as suas apolices garantem empréstimos e resgates mais elevados que de qualquer Companhia do mundo.

**A MUTUAL LIFE** é a primeira instituição financeira do mundo.

**A MUTUAL LIFE** já realisou, em Portugal — no espaço de cinco mezes

## 500 MIL LIBRAS DE SEGUROS

O balanço official, contendo todos os Titulos de renda, Obrigações e Immoveis que a Companhia possui no mundo, perfeitamente discriminados, com o valor do custo e seu valor actual e respectivo juro, rubricado pelo superintendente de seguros de New York e visado pelo consul geral de Portugal em New York está á disposição de qualquer pessoa que o queira verificar.

Na Direcção Geral em Portugal.

**J. R. CASTRO E SILVA**

**Praça dos Remolares, 4, 1.º — LISBOA**

Banqueiros em Portugal — Orey, Antunes & C.ª

Banqueiros no Porto — Pinto da Fonseca & Irmão